

**DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL  
NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83**

José Luiz Teixeira M. Vieira  
Sylvia Regina Hellmeister  
Yuly Ivete M. de Toledo  
Antonio Adriano F. Campos

**Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Agricultura e Abastecimento  
Coordenadoria Sócio-Econômica**

**Instituto de Economia Agrícola**



**DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL  
NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83**

José Luiz Teixeira M. Vieira  
Sylvia Regina Hellmeister  
Yuly Ivete M. de Toledo  
Antonio Adriano F. Campos

## ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - MATERIAL E MÉTODO.....	3
2.1 - Dados de Produção.....	3
2.2 - Dados de Consumo.....	4
3 - EVOLUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83.....	5
3.1 - Visão Geral da Produção Agrícola.....	5
3.2 - Análise do Setor Agrícola no Estado por Produto.....	9
3.2.1 - Produtos de origem animal.....	9
3.2.2 - Produtos de origem vegetal.....	21
4 - DISPONIBILIDADE DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESTADO A NÍVEL REGIONAL.....	49
5 - CONCLUSÕES.....	53
6 - RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICA: PROPOSTA DE MEDIDAS DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO DE ALIMENTOS.....	54
6.1 - Recomendações de Política Global.....	55
6.2 - Medidas de Política Agrícola.....	56
LITERATURA CITADA.....	58
RESUMO.....	59
ANEXOS.....	61

José Luiz Teixeira M. Vieira

Sylvia Regina Hellmeister

Yuly Ivete M. de Toledo

Antonio Adriano F. Campos <sup>(2)</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

Diversos estudos a respeito da questão alimentar e nutricional a nível populacional no Brasil (1, 2) apontam no sentido de mostrar que a desnutrição é, essencialmente, um problema de insuficiência na quantidade consumida de alimentos, portanto, estreitamente vinculado à disponibilidade e preços dos produtos alimentares e ao poder aquisitivo da população. Este conjunto de fatores afeta particularmente as famílias de baixa renda, na medida em que o custo da alimentação tem uma participação muito grande em seus orçamentos.

A disponibilidade de alimentos depende diretamente do nível de produção e das restrições sob as quais transcorre o ciclo produtivo - que

---

(<sup>1</sup>) Versão preliminar deste trabalho foi apresentada no VII Simpósio Brasileiro de Alimentação e Nutrição (SIBAN), realizado de 7 a 9 de maio de 1984, em Niterói - RJ.

(<sup>2</sup>) Economista da extinta Coordenadoria de Orientação e Defesa do Consumidor (CODECON).

se refletem diretamente na qualidade e aproveitamento do produto - bem como das condições em que se dá a distribuição da produção, já no âmbito da comercialização do produto. Essas condições são formadas, em primeira instância, pelo padrão em que se dá o desenvolvimento capitalista do País e, assim, pelas características estruturais do próprio setor agrícola, bem como pelos rumos da política econômica ao longo do tempo, cujo tratamento em detalhe foge aos objetivos deste estudo.

É objetivo do presente trabalho a caracterização da produção agrícola e do consumo humano no Estado de São Paulo, a nível de cada Divisão Regional Agrícola (DIRA), possibilitando a estimativa da disponibilidade alimentar por região e para o Estado como um todo, ao longo do período 1974-83. Essa análise permitirá avaliar o potencial de cada região para atender às necessidades de consumo locais, bem como identificar a tendência a nível das regiões e do Estado, da evolução de área de cada produto e, portanto, da composição da agricultura. Tal estudo fornecerá, dessa forma, subsídios para o planejamento e reorientação de programas públicos de abastecimento no Estado, bem como dos atuais programas de suplementação alimentar mantidos no Estado de São Paulo pelas Secretarias de Estado da Saúde, Educação e Promoção Social e pelo Ministério da Saúde, a fim de adequá-los à disponibilidade regional de produtos e aos hábitos alimentares da população, conforme recomendação dos técnicos da área e dos mais recentes Congressos e Simpósios de Nutrição.

Assim, o capítulo 2 apresenta uma rápida descrição dos dados utilizados e da metodologia empregada; o capítulo 3 mostra a situação atual da agricultura no Estado, em termos agregados e a nível de cada produto e sua evolução ao longo do tempo; o capítulo 4 incorpora no estudo a evolução do consumo humano, através da análise da disponibilidade dos diversos produtos agropecuários (balanço de produção e consumo) a nível regional no Estado; o

capítulo 5 apresenta as principais conclusões do estudo e, finalmente, o capítulo 6 fornece algumas sugestões de política com base nos resultados do trabalho.

## 2 - MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo resulta, basicamente, da análise de dados secundários de produção agropecuária e de consumo, regionalizados por Divisão Regional Agrícola (DIRA). Os dados abrangem um período de dez anos - de 1974 a 1983 - dentro do qual foram feitos dois "cortes", o primeiro centrado no ano de 1975 e o segundo em 1982, os quais foram os anos tomados como base de comparação. Esses dados, sempre que se fez necessário, foram complementados com informações colhidas junto aos técnicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), analistas de mercado dos diversos produtos agropecuários.

### 2.1 - Dados de Produção

As informações referentes à produção agropecuária (quantidade produzida e área ocupada) derivam de dois tipos de levantamento, abrangendo o Estado de São Paulo, realizados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) / Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI). O primeiro trata-se de uma pesquisa de campo (pesquisa "objetiva"), cuja amostra é representativa a nível de cada uma das DIRAs do Estado. O outro levantamento, denominado "subjetivo", apresenta informações a nível de município e é realizado pelos

técnicos da Casa da Agricultura local.

Os dados elaborados estão disponíveis nos boletins "Previsão e Estimativas de Safras Agrícolas do Estado de São Paulo", publicados pelo IEA, e originam-se, basicamente, dos levantamentos objetivos, mas são complementados pelos dados da pesquisa subjetiva, que servem, inclusive para "checar" a precisão e coerência das primeiras informações. Os detalhes metodológicos sobre o tratamento estatístico da pesquisa objetiva encontram-se em CAMPOS & PIVA (2).

## 2.2 - Dados de Consumo

Os dados de consumo foram estimados a nível de cada DIRA para os anos de 1975 e 1982. A estimativa baseou-se em informações não publicadas de consumo per capita - por produto e por região do Estado - coletadas pela Fundação Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), para o Estudo Nacional da Despesa Familiar (ENDEF), realizado em 1974/75, e que, multiplicado pela população total de cada DIRA em 1975 e 1982, forneceu o consumo total por região e para o Estado.

Os dados de população para os dois anos foram estimados pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), para cada Divisão Regional Administrativa (DRA), que praticamente corresponde à regionalização em termos de agricultura por DIRAs, exceto por dois municípios - Francisco Morato e Nova Luzitânia. O primeiro pertence à DRA da Grande São Paulo e à DIRA de Campinas; o segundo, que faz parte da DIRA de Araçatuba, pertence à DRA de São José do Rio Preto. Uma vez que a base de análise adotada neste trabalho é a DIRA e não a DRA, ajustou-se a população das quatro DIRAs em questão a

partir da população das respectivas DRAs e pela dedução ou adição - conforme o caso - da população dos dois municípios à população das DIRAs (Anexo II).

Assim, as estimativas obtidas para 1975 devem representar com razoável precisão o consumo humano por região do Estado naquele ano. Para 1982, entretanto, não se dispunha de dados regionalizados de consumo, assim como para nenhum outro ano da presente década. Por este motivo, para este último ano, corrigiram-se os dados do ENDEF de 1974/75 pela taxa de crescimento da população.

Deve-se à existência dos dados de consumo do ENDEF - únicos em sua abrangência - a tomada do ano de 1975 como o marco inicial da análise. O ano de 1982 foi escolhido por ser o ano central do último triênio para o qual os dados eram disponíveis.

Nos quadros comparativos de produção e consumo, trabalha-se com mēdias anuais de três anos agrícolas consecutivos 1973/74 a 1975/76 e 1980/81 a 1982/83 para a produção - a fim de diluir possíveis efeitos de flutuações aleatórias para um determinado ano agrícola - e com dados dos anos civis de 1975 e 1982 para o consumo.

### 3 - EVOLUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83

#### 3.1 - Visão Geral da Produção Agrícola

Historicamente o setor agrícola no Brasil tem estado sujeito a duas pressões principais: fornecer alimentos suficientes a baixo custo à po

pulação urbana e, simultaneamente, via exportações, prover o País das divisas necessárias ao financiamento das importações de matérias-primas, equipamentos e componentes, e das despesas relacionadas com a dívida externa. Mais recentemente, a partir da década de 70, foi estabelecida para a Agricultura uma nova meta - ainda relacionada com o agravamento do setor externo da economia - ou seja, a de fornecer matéria-prima para produção de energia em níveis significativos. Os diversos fatores próprios do funcionamento dos mercados agrícolas, atuando juntamente com as políticas econômicas postas em prática ao longo do tempo, acabaram por gerar uma segmentação no setor agrícola do País, de tal forma que os vários subsetores têm apresentado características técnicas e ritmos de mudança da produção e da produtividade nitidamente diferenciados entre si.

Os produtos agrícolas de exportação e/ou comandados externamente sempre se beneficiaram de uma série de mecanismos que, grosso modo, se complementaram e se compensaram mutuamente ao longo do tempo, uns neutralizando os efeitos negativos dos outros, tais como: evolução da demanda e das cotações internacionais, aliada a uma atuação governamental agressiva no sentido da ampliação de mercados e à política cambial posta em prática nas últimas décadas, além do privilegiamento dado pelos órgãos oficiais de pesquisa agrícola a esses produtos (9), quanto ao desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias e variedades. Não bastasse isso, alguns produtos específicos - café, cana-de-açúcar, por exemplo - contaram em diferentes momentos com programas vigorosos de estímulo e defesa da atividade. Em consequência, como afirma HOMEM DE MELO (5) ... "mesmo com condições variáveis de preços internacionais e da própria política cambial interna, o País tem sido capaz de se apresentar competitivamente no mercado internacional de produtos agrícolas" ...

Ao contrário dos produtos orientados pelo ou para o mercado internacional, os produtos de mercado interno, principalmente os de alimentação, não tendo a seu favor aqueles mecanismos relacionados com o mercado externo já apontados, nunca puderam contar, também, com programas e instrumentos governamentais de apoio consistentes e duradouros, a não ser recentemente, nos primeiros anos desta década, quando foi esboçado um conjunto de medidas efetivas (preços mínimos mais remuneradores, VBC e PROAGRO) e com certa coerência entre si. Tais medidas, ainda que não privilegiadoras dos produtos destinados ao mercado interno e a despeito do grau de imperfeição ainda presente nelas, constituíram-se nos primeiros anos desta década no suporte necessário à garantia e continuidade da atividade agrícola (3).

Como resultado desse quadro, a produção de alimentos tem-se expandido, em geral, a ritmo insuficiente nas últimas décadas no Brasil, gerando periódicas crises de abastecimento e constituindo-se de modo persistente numa das principais fontes de crescimento da inflação. O comportamento da produção no Estado de São Paulo ilustra bem essa situação. As taxas de crescimento dos principais produtos na década 1974/83 permitem verificar o que ocorreu com os diferentes produtos de origem vegetal e animal (quadro 1).

Como se observa, as taxas geométricas de crescimento calculadas para os produtos de mercado externo, com exceção do café, são bastante superiores às dos produtos de mercado interno. Somente o feijão apresentou grande crescimento de área e produção, o que ocorreu já na década atual, devido a privilegiamento dado a essa cultura dentro dos instrumentos já citados e postos em prática pelo Governo a partir de 1980. Anteriormente, a produção de

---

(3) A partir do segundo semestre de 1983, entretanto, todo o esquema oficial de apoio à atividade agrícola no País vem apresentando retrocessos, em função das restrições da política econômica global.

QUADRO 1. - Taxas Geométricas de Crescimento da Produção e da Área de Produtos Agropecuários, Estado de São Paulo, 1974-83

(em porcentagem)

Produto	Período 1974-83		Média anual	
	Produção	Área	Produção	Área
<b>Origem Vegetal</b>				
<b>-Mercado Externo</b>				
Café	20	13	2,6	1,8
Soja	71	38	8,0	4,7
Laranja	110	40	11,2	4,9
Cana-de-açúcar	136	87	13,1	9,4
<b>-Mercado Interno</b>				
Arroz	- 23	- 40	- 3,0	- 4,9
Feijão	200	128	17,0	12,5
Trigo	29	3	3,7	0,4
Batata	32	- 5	4,0	- 0,7
Mandioca	- 3	- 16	- 0,4	- 2,1
Milho	28	15	3,6	2,0
Banana	21	60	2,8	6,9
Tomate	31	- 18	3,9	- 2,4
Cebola	45	10	5,5	1,4
<b>Origem Animal</b>				
Carne bovina	- 8	-	- 1,1	-
Leite	13	-	1,8	-
Carne suína	19	-	2,5	-
Carne de aves	159	-	21,2	-
Ovos	27	-	3,5	-

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

feijão apresentava-se em franco declínio no País, com taxa negativa de crescimento (-1,9%) entre 1970 e 1979, segundo HOMEM DE MELO (3). Em resumo, houve portanto uma expansão mais rápida dos produtos de mercado externo que os de mercado interno na década aqui analisada, implicando uma provável tomada de área por parte do primeiro grupo de produtos em detrimento do segundo, dadas as restrições de área agricultável disponível no Estado de São Paulo.

Quanto aos produtos de origem animal, tradicionalmente voltados para o abastecimento interno, nota-se que houve crescimento insatisfatório de produção para quase todos, sendo que a carne bovina apresentou declínio no período. Somente a produção de carne de aves mostrou acentuado aumento no período, fruto da expansão do consumo interno e da rápida expansão do mercado internacional para esse produto.

Para que se tenha uma visão mais detalhada da evolução da produção agropecuária no Estado de São Paulo faz-se, a seguir, breve análise do comportamento de cada cultura no período 1974/83, por DIRA.

### 3.2 - Análise do Setor Agrícola no Estado por Produto

#### 3.2.1 - Produtos de origem animal

##### - Pecuária

A importância da carne bovina no consumo total de carnes e sua

substituição parcial por aves, suínos, ovos e pescado, quando se verificam altas em seus preços, fazem com que haja uma interdependência entre esses alimentos. Por outro lado, o sistema de produção empregado na pecuária de corte, utilizando mais comumente animais não especializados, permitindo a venda de leite, como atividade paralela, faz com que também o leite torne-se dependente de fatores que afetam a produção de carne bovina.

Por inexistirem dados sobre oferta de pescado de forma regionalizada para o Estado de São Paulo, não será enfocado esse produto neste capítulo sobre a produção do Estado de São Paulo.

#### a) pecuária de corte

A pecuária de corte encontra-se distribuída em todas as Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs), do Estado, com diferenças conforme a finalidade: cria, recria e engorda.

A produção concentra-se principalmente nas regiões de Araçatuba e Presidente Prudente, que se dedicam especialmente à engorda de animais provenientes de outros Estados.

Nas regiões de São José do Rio Preto, responsável por cerca de 16% do rebanho, Bauru, Marília e Sorocaba, que juntas perfazem 43% do rebanho, a pecuária é mista, produzindo leite e carne, com atividade de cria e recria.

A oferta de carne bovina é caracterizada pelo chamado ciclo de preços da pecuária, em decorrência da natureza seqüencial de sua produção. O ciclo pode ser descrito da seguinte maneira: a queda na cotação do boi gordo desestimula a demanda pelas categorias intermediárias - boi magro, garrote, bezerro - e finalmente das matrizes reprodutoras, resultando no

envio até de matrizes para abate. A redução na capacidade de reprodução vai ser sentida de três a quatro anos depois, dentro do sistema de produção geralmente empregado no País, sob a forma de retração na disponibilidade de boi gordo e início da ascensão de preços. A recuperação da oferta equivale à duração do ciclo pecuário, que demora, no Brasil, em média, de seis a sete anos.

Além desse fato, a descapitalização do rebanho, com elevado abate de fêmeas a partir de 1981, a retração na demanda de carnes, aliada à baixa produtividade do rebanho, modificações na distribuição do uso da terra, frente a outras atividades agrícolas de melhor rentabilidade (por exemplo, cana) podem explicar a retração na oferta geral de carne bovina do Estado, no período 1981-83. Especificamente, maiores reduções foram encontradas na região de Bauru, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e Vale do Paraíba (quadro 2).

O Estado de São Paulo não é auto-suficiente em carne bovina, "in natura" pois grande parte da produção destina-se à industrialização. Internamente, algumas regiões se destacam como exportadoras - Araçatuba, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Bauru e Marília.

A fase atual de ascensão dos preços deverá prevalecer até 1985, como resposta aos baixos preços ocorridos em 1980 e dentro do sistema de produção empregado.

#### b) pecuária leiteira

O rebanho destinado à produção leiteira encontra-se distribuído por todo o Estado, na seguinte proporção: 2% em São Paulo, 9% no Vale do Paraíba, 9% em Sorocaba, 10% em Campinas, 19% em Ribeirão Preto, 3% em

QUADRO 2. - Produção e Consumo de Carne Bovina, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 e 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	7.141	7.988	188.567	254.515	3,8	3,1	46,8
Vale do Paraíba	13.015	10.657	7.997	10.301	162,7	103,5	23,3
Sorocaba	29.541	31.692	14.446	17.676	204,5	179,3	31,2
Campinas	15.781	20.816	34.450	46.447	45,8	44,8	36,3
Ribeirão Preto	41.931	40.353	20.902	24.727	200,6	163,2	36,1
Bauru	35.453	26.199	7.254	8.341	488,7	314,1	33,1
S.J. do Rio Preto	89.332	70.757	12.601	13.236	708,9	534,6	35,9
Araçatuba	107.576	110.576	7.654	7.617	1.405,5	1.451,7	39,1
Pres. Prudente	115.990	96.524	9.889	9.676	1.172,9	997,6	38,6
Marília	27.168	28.668	5.778	5.872	470,2	488,2	22,9
Estado	482.928	444.230	309.537	398.438	156,0	111,5	40,9

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

Brasí

Bauru, 25% em São José do Rio Preto, 6% em Araçatuba, 12% em Presidente Prudente e 5% em Marília, segundo dados do IEA para 1981. A produção leiteira encontra-se mais caracterizada, no entanto, nas regiões do Vale do Paraíba, Campinas e Ribeirão Preto, onde há maior utilização de animais de raças especializadas, melhor controle sanitário e manejo mais cuidadoso, como exige a produção de leite B (quadro 3).

O controle de preços exercido sobre o leite, objetivando reduzir a taxa inflacionária, tem sido o principal obstáculo à expansão da produção. Por outro lado, "crises" de excedentes na oferta, derivam de resposta a estímulos de preços praticamente a curto prazo, com a penetração no mercado de leite oriundo da pecuária de corte. Assim, quando a relação de preços carne/leite é desfavorável à carne, os pecuaristas passam a colocar a venda o leite anteriormente destinado a bezerros.

A produção de leite B se expandiu a partir de 1972, graças ao hiato no abastecimento de leite C, e ainda por ser produto livre de controle de preços, salvo em 1980, quando, frente a excedentes de leite e derivados, passou a ser, por algum tempo, controlado pela Secretaria Especial de Abastecimento e Preços (SEAP).

Nos últimos meses, como reflexo da conjuntura econômica, e à semelhança dos demais produtos animais, tem-se verificado retração na demanda principalmente de leite B e derivados, o que tem desestimulado a atividade leiteira como um todo. A incidência de ICM sobre o leite tipo C elevou sobre maneira o preço do produto a nível de varejo, impossibilitando o repasse da alta nos custos de produção, frente a uma retração na demanda <sup>(4)</sup>.

---

(4) A partir de 01/06/84 foi extinto o ICM sobre o leite B no Estado de São Paulo.

QUADRO 3. - Produção e Consumo de Leite Fluido, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 e 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982			
	(a)	(b)	(c)	(d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
Sao Paulo	69.610	77.879	518.805	700.249	13,4	11,1	128,8
Vale do Paraíba	208.413	211.687	41.998	54.103	496,2	391,3	122,6
Sorocaba	138.612	170.014	54.683	66.912	253,5	254,1	118,2
Campinas	213.783	231.710	141.755	191.247	150,8	121,2	149,3
Ribeirão Preto	292.043	347.777	73.281	86.694	398,5	401,2	126,7
Bauru	66.340	83.282	26.119	30.035	254,0	277,3	119,1
S.J. do Rio Preto	252.450	312.343	57.756	60.664	437,1	514,9	164,8
Araçatuba	114.616	141.612	25.125	25.002	456,2	566,4	128,5
Pres. Prudente	134.907	107.045	31.106	30.438	433,7	351,7	121,3
Marília	73.472	92.087	23.598	23.958	311,3	384,4	93,7
Estado	1.564.246	1.775.454	994.226	1.269.302	157,3	139,9	130,4

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

No balanço de oferta e demanda em 1983, observou-se que esse produto, ainda que tenha apresentado leve crescimento da produção em relação a 1974, permanece em déficit no abastecimento estadual, quando se observa o efetivamente destinado à pasteurização. Não foi possível detectar, a nível de região, quanto da produção se destina a fins industriais (queijo, yogurtes, leite em pó, etc.), mas tem-se verificado nos últimos anos que há um déficit de 10% para atender à demanda estadual, de acordo com os dados do Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal - Ministério da Agricultura (SIPA - MA).

Os principais problemas relacionados com a oferta do produto são: preço tabelado não cobrindo o custo de produção em São Paulo; não fiscalização da qualidade do leite em todos os segmentos da comercialização; falta de assistência técnica e pesquisa para melhorar o sistema de produção usado nas regiões; e exigências dentro da legislação do leite B que encarecem o produto sem garantir a sua qualidade.

#### - Suinocultura

O rebanho suíno encontra-se distribuído no Estado, com concentração principalmente nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. O quadro 4 mostra a produção regional de carne, o que é indicador da distribuição do rebanho.

Sua oferta, como já dito anteriormente, está fortemente relacionada com a disponibilidade de carnes no mercado.

No entanto, o sistema de criação, utilizando basicamente o milho na alimentação, torna-o dependente deste grão, com a oferta podendo variar conforme a relação porco/milho.

QUADRO 4. - Produção e Consumo de Carne Suína, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo(%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	4.427	14.804	29.458	39.759	15,0	37,2	7,3
Vale do Paraíba	2.865	1.664	3.474	4.474	82,5	37,2	10,1
Sorocaba	8.774	17.688	6.136	7.508	143,0	235,6	13,3
Campinas	7.444	10.896	11.082	14.976	67,2	72,8	11,7
Ribeirão Preto	11.309	11.314	6.947	8.218	162,8	137,7	12,0
Bauru	3.378	3.454	2.036	2.341	165,9	147,5	9,3
S.J. do Rio Preto	12.412	7.117	5.782	6.073	214,7	117,2	16,5
Araçatuba	5.470	4.409	1.603	1.595	341,2	276,4	8,2
Pres. Prudente	3.410	3.132	2.641	2.584	129,1	121,2	10,3
Marília	7.945	6.039	2.002	2.035	396,9	296,8	8,0
Estado	67.434	80.517	71.161	89.381	94,8	90,1	9,2

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

Dada a menor duração do ciclo de produção, a atividade pode se beneficiar de períodos em que a oferta de bovinos é declinante dentro do ciclo pecuário e ainda na entressafra anual de bovinos (2º semestre).

Tem-se notado, nos últimos anos, aumento na oferta de reprodutores mais especializados, melhoria no manejo e uma crescente orientação da produção para o mercado, tornando a suinocultura uma atividade mais empresarial, no entanto, ainda, fortemente dependente do ciclo pecuário e da política de preços adotada para o milho e soja, insumos básicos na alimentação animal.

Com relação ao abastecimento à população, tem-se que a produção de suínos elevou-se apenas 19% no período 1974-1983, não acompanhando, portanto, o crescimento da demanda e piorando a situação de dependência do Estado de São Paulo de importações de carne suína (quadro 4).

As regiões de São José do Rio Preto, Araçatuba e Marília apresentaram redução em sua oferta, ainda que continuem a ser auto-suficientes.

O principal problema desta atividade é o baixíssimo consumo de carne suína pela população (9g/dia), dificultando a expansão da produção, bem como a dependência do milho que torna a suinocultura vulnerável à política adotada para o grão.

## - Avicultura

### a) aves

A atividade de avicultura de corte concentra-se principalmente nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba e São Paulo, responsáveis por 79% da produção (quadro 5).

QUADRO 5. - Produção e Consumo de Carne de Aves, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	18.458	36.162	106.153	143.276	17,4	25,2	26,3
Vale do Paraíba	6.815	18.279	7.385	9.514	92,3	192,1	21,6
Sorocaba	8.318	26.801	12.193	14.919	68,2	179,6	26,4
Campinas	45.486	97.767	22.570	30.450	201,5	321,1	23,8
Ribeirão Preto	28.181	83.744	11.654	13.794	241,8	607,1	20,2
Bauru	3.848	25.359	4.073	4.683	94,5	541,5	18,6
S.J. do Rio Preto	2.074	9.845	6.920	7.268	30,0	135,5	19,7
Araçatuba	2.731	3.961	4.760	4.736	57,4	83,6	24,3
Pres. Prudente	2.585	5.799	4.840	4.735	53,4	122,5	18,9
Marília	2.280	5.688	4.481	4.656	49,8	122,2	18,2
Estado	120.796	313.405	185.129	238.031	65,2	131,7	24,5

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

O rebanho de aves para corte expandiu-se extraordinariamente nos últimos anos, graças à pequena duração do ciclo produtivo (56 dias), permitindo maior rapidez no retorno ao investimento, menor custo de produção/kg de carne e expansão da demanda por sua carne, tanto a nível de consumo interno como de incentivo à exportação.

A produção estadual de carne de aves cresceu 159% de 1974 a 1983. Sabe-se que seu consumo deve também ter aumentado, graças a uma favorável posição frente à carne bovina, no que diz respeito a preços. O crescimento da produção foi verificado em todas as regiões do Estado e só em Araçatuba e São Paulo a oferta ficou bem aquém da demanda regional (quadro 5).

Devido às características técnicas alcançadas que resultaram em redução no ciclo da produção (em torno de 7 a 8 semanas, atualmente), a atividade pode rapidamente responder a estímulos de preços, desde que não enfrente problemas no abastecimento de milho e soja, dada sua forte dependência destes grãos componentes da ração. Seu principal entrave atualmente é a recessão econômica, com o aumento do desemprego e queda no poder aquisitivo das classes baixa e média, que está levando à retração no consumo.

#### b) ovos

A produção de ovos concentra-se principalmente nas regiões de Marília, São Paulo, Campinas e Araçatuba (72% da produção), embora encontre-se em menor porcentagem em todas as regiões do Estado (quadro 6).

Mais estável do que a produção de frangos, a produção de ovos encontra-se especializada em determinados municípios do Estado, como Bastos, Moji das Cruzes, Echaporã e Guararapes.

Um dos fatores principais para sua estabilidade é a demora do

QUADRO 6. - Produção e Consumo de Ovos, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	96.336	97.485	74.098	100.009	130,0	97,5	18,4
Vale do Paraíba	12.432	24.678	4.275	5.507	290,8	448,1	12,5
Sorocaba	14.258	24.639	7.693	9.414	185,3	261,7	16,6
Campinas	32.068	39.931	16.744	22.589	191,5	176,8	17,6
Ribeirão Preto	17.593	15.581	9.405	11.127	187,1	140,0	16,3
Bauru	22.240	20.991	3.222	3.704	690,3	566,7	14,7
S.J. do Rio Preto	11.532	13.640	5.799	6.091	198,9	223,9	16,6
Araçatuba	36.598	63.776	2.811	2.797	1.301,1	2.280,2	14,4
Pres. Prudente	25.829	37.695	3.444	3.369	750,0	1.118,9	13,4
Marília	58.302	94.392	3.146	3.198	1.853,2	2.951,6	12,5
Estado	327.188	432.808	130.637	167.805	250,5	257,9	17,2

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

ciclo produtivo, com retornos mais a longo prazo e menor variação da produção em função da variação no preço.

Em termos de abastecimento, a oferta interna suplanta a demanda em praticamente todo o Estado. Destacam-se as regiões de Marília, Araçatuba e Presidente Prudente, onde a produção mais do que decuplica a demanda regional. É o produto animal que possui excedentes no abastecimento. Uma vez que sua produção já tem características industriais, com altos índices de desempenho, as dificuldades que enfrenta derivam, principalmente, da sua dependência de grãos para rações, com sua lucratividade, sendo influenciada pela situação do abastecimento de soja e milho.

### 3.2.2 - Produtos de origem vegetal

#### - Produtos de mercado interno

##### a) Arroz

Historicamente o arroz vem perdendo terreno na agricultura paulista. Embora trate-se de produto básico da alimentação, seu cultivo, apesar da distribuição ampla pelo Estado, mantém em grande proporção a característica de exploração de subsistência sem pretensões comerciais.

A evolução da população e da necessidade de consumo não teve equivalência no crescimento do produto. Para um consumo estimado no Estado de 1,3/1,4 milhão de toneladas/ano no início da presente década, obteve-se uma produção média de arroz beneficiado de cerca de 335 mil toneladas

das, representando somente 25% das necessidades.

A predominância do cultivo de sequeiro (cerca de 90% da produção total) no Estado torna a exploração extremamente dependente e suscetível às condições climáticas que, quando caracterizadas por períodos de poucas chuvas, na época de granação da cultura, promovem perdas extensas. Aliado ao risco tem-se uma produtividade no geral baixa, com reflexos diretos nos retornos financeiros, além da concorrência de outras culturas como a soja, milho, etc., com melhores e maiores perspectivas comerciais.

Têm-se, no entanto, regiões como a DIRA de São José do Rio Preto, que nos primeiros anos da década de 1980 contribuiu com 23% da produção do Estado, onde existem cultivos com interesses comerciais. Ribeirão Preto, Campinas e Sorocaba são outras DIRAs que somadas participam com 44,5% da produção média da década. No geral, entretanto, a presença do produtor na comercialização é apenas esporádica, nas oportunidades em que os excedentes ocorrem (quadros 7 e A.I.1).

#### b) Feijão

O feijão, por ser também cultura de subsistência, é produzido em todo o Estado, achando-se porém concentrada na DIRA de Sorocaba, onde se desenvolve como atividade comercial, que nos primeiros anos da presente década participava com algo em torno de 62% da área e do volume produzido do Estado (quadros 8 e A.I.2).

No período 1974-1983, esse produto teve uma expansão tanto de área (128%) como de produtividade, resultando em aumento de 200% na produção.

QUADRO 7. - Produção e Consumo de Arroz Beneficiado <sup>(1)</sup>, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	7.200	7.290	444.349	599.637	1,6	1,2	110,3
Vale do Paraíba	22.712	31.484	45.183	58.206	50,3	54,1	131,9
Sorocaba	62.832	46.580	60.703	74.279	103,5	62,7	131,2
Campinas	42.976	42.092	147.874	199.503	29,1	21,1	155,7
Ribeirão Preto	85.952	62.424	116.751	138.121	73,6	45,2	201,9
Bauru	10.880	10.526	43.452	49.967	25,0	21,1	198,2
S.J. do Rio Preto	106.488	78.336	81.853	85.976	130,1	91,1	233,6
Araçatuba	31.824	24.575	39.745	39.551	80,1	62,1	203,2
Pres. Prudente	22.168	18.110	46.386	45.391	69,3	39,9	180,9
Marília	44.880	20.740	48.163	48.954	93,2	42,4	191,2
Estado	437.912	342.157	1.074.459	1.339.585	40,8	25,5	140,7

<sup>(1)</sup> Arroz beneficiado equivale, em média, a 68% de arroz em casca, em termos de peso.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

QUADRO 8. - Produção e Consumo de Feijão, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	
	(a)	(b)	(c)	(d)			(g/dia)
São Paulo	7.160	8.400	181.906	245.805	3,9	3,4	45,2
Vale do Paraíba	3.560	9.240	20.964	27.007	17,0	34,2	61,2
Sorocaba	86.510	238.840	33.451	40.932	258,6	583,5	72,3
Campinas	8.720	25.260	54.610	73.676	16,0	34,3	57,5
Ribeirão Preto	1.900	24.740	29.491	34.889	6,4	70,9	51,0
Bauru	1.280	6.200	12.408	14.269	10,3	43,5	56,6
S.J. do Rio Preto	2.120	18.020	18.746	19.690	11,3	91,5	53,5
Araçatuba	900	12.580	10.699	10.647	8,4	118,2	54,7
Pres. Prudente	6.460	19.540	15.770	15.431	41,0	126,6	61,5
Marília	8.080	17.800	15.340	15.593	52,7	114,2	60,9
Estado	126.780	380.620	393.385	497.939	32,2	76,4	49,8

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

O processo de concentração dessa cultura na região agrícola de Sorocaba começou em fins da década de 60 e se deu em função de condições de solo, clima e preço da terra favoráveis, aliadas à atuação intensiva de órgãos de assistência técnica oficiais. Até esse momento, a cultura se encontrava bem melhor distribuída pelo Estado - em grande parte desenvolvida de maneira intercalada com o café - apresentando, portanto, redução de área plantada a partir do final da década de 60, acompanhando a retração da atividade cafeeira no Estado.

A produtividade persistentemente baixa, que caracterizava a cultura no Estado até fins dos anos 60, passou a crescer na década de 70 devido aos fatores acima apontados, bem como à introdução de sementes de novas variedades (Carioca, principalmente).

O Estado de São Paulo contribuiu, nos últimos três anos agrícolas, com cerca de 16% da produção nacional, com uma produção média de 380 mil toneladas, suprimindo assim cerca de 3/4 do consumo anual estimado para o Estado em 500 mil toneladas.

### c) Trigo

Com exceção de São José do Rio Preto, a cultura do trigo ocorre em todas as outras DIRAs do Estado de São Paulo. A distribuição, entretanto, é extremamente concentrada, sendo que cerca de 85,0% da área e produção ocorrem na DIRA de Marília, onde as condições climáticas favorecem o cultivo soja-trigo, este último considerado como cultura de inverno (quadros 9 e A.I.3).

Na década 1974/1983, houve um incremento de produção de 9,2%, considerando as médias dos triênios levantados, contra 3,2% de expansão

QUADRO 9. - Produção de Trigo, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo (1), 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,160	0,160	0,250	0,190	0,500	0,650	1,050	0,733
Vale do Paraíba	0,030	0,030	0,030	0,030	0,050	-	0,040	0,030
Sorocaba	2,650	10,030	15,900	9,527	7,800	9,500	11,300	9,533
Campinas	0,190	0,070	0,560	0,273	1,350	2,100	7,770	3,740
Ribeirão Preto	-	0,080	0,280	0,120	0,200	1,000	4,250	1,817
Bauru	-	2,000	0,370	0,790	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	0,830	0,277
Araçatuba	-	0,030	0,050	0,027	-	-	-	-
Pres. Prudente	12,440	2,700	10,260	8,467	6,000	8,550	7,270	7,273
Marília	137,630	49,600	133,300	106,843	104,900	135,500	175,000	138,467
Estado	153,100	62,900	161,000	126,267	120,800	157,300	207,510	161,870

(1) Não se dispõe de dados de consumo por região.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

na área, o que significa melhoria no rendimento de 916kg/ha para 1.144kg/ha. Esse fato pode estar diretamente relacionado ao cultivo irrigado da região norte do Estado, precisamente em Guaíra, sub-região da DIRA de Ribeirão Preto, que tem permitido índices de produtividade bastante superiores aos cultivos de sequeiro, chegando mesmo a aproximar-se dos níveis obtidos no Canadá e outros países de expressão na produção do trigo.

O rendimento industrial em termos de farinhas e outros derivados (quadro 10) corresponde, em média, a 78% do total de grão processado em termos de peso, constituindo-se o restante de resíduos. Apesar do elevado índice de aproveitamento do grão, o Estado permanece carente do produto industrializado já que atende somente 12,5% do total de mandado.

#### d) Batata

Na década 1974-83, a produção da batata no Estado cresceu em cerca de 32,0%, considerando as médias dos triênios inicial e final do período. A área, por sua vez, esteve declinante apresentando uma retração em torno de 5,0%, o que significa que em termos de produtividade houve ganhos significativos (quadros 11 e A.I.4).

A DIRA de Sorocaba se destaca sobremaneira na produção estadual, ofertando cerca de 38,0% e 46,0% do total médio produzido no início e fim de período, respectivamente. As DIRAs de São Paulo e Campinas são as outras regiões de destaque, pois tiveram uma participação equivalente a 48,0% e 39,0% do total médio produzido no período.

QUADRO 10. - Produção Estimada de Farinhas e Derivados a partir do Volume Produzido de Trigo, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo (1), 1973/74 a 1981/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safr a				Safr a			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,125	0,125	0,195	0,148	0,390	0,507	0,819	0,572
Vale do Paraíba	0,023	0,023	0,023	0,023	0,039	-	0,032	0,024
Sorocaba	2,067	7,823	12,402	7,431	6,084	7,410	8,814	7,436
Campinas	0,148	0,055	0,437	0,213	1,053	1,638	6,061	2,917
Ribeirão Preto	-	0,062	0,218	0,093	0,156	0,780	3,315	1,417
Bauru	-	1,560	0,289	0,616	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	0,647	0,216
Araçatuba	-	0,023	0,039	0,021	-	-	-	-
Pres. Prudente	9,703	2,106	8,003	6,604	4,680	6,669	5,671	5,673
Marília	107,351	38,688	103,974	83,338	81,820	105,690	136,500	108,004
Estado	119,418	49,062	125,580	98,487	94,224	122,694	161,858	126,259

(1) Corresponde a aproximadamente 78% da produção de trigo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 11. - Produção e Consumo de Batata, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	106.601	107.600	163.848	221.039	65,1	48,7	40,6
Vale do Paraíba	26.920	39.720	13.942	17.960	193,1	221,2	40,7
Sorocaba	158.240	251.900	21.607	26.439	732,4	952,8	46,7
Campinas	91.100	105.480	40.744	54.969	223,6	191,9	42,9
Ribeirão Preto	13.900	28.120	22.783	26.954	61,0	104,3	39,4
Bauru	3.360	1.560	8.879	10.210	37,8	15,3	40,5
S.J. do Rio Preto	3.560	1.470	10.512	11.041	33,9	13,3	30,0
Araçatuba	-	590	5.593	5.566	-	10,6	28,6
Pres. Prudente	680	1.510	7.385	7.226	9,2	20,9	28,8
Marília	7.800	7.360	8.791	8.936	88,7	82,4	34,9
Estado	412.200	545.580	304.084	390.340	135,6	139,8	39,8

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

#### e) Mandioca

Trata-se de uma raiz cultivada extensivamente no Estado com características de subsistência, em função principalmente da sua participação na dieta alimentar da população.

Cerca de 80% da produção total de mandioca é destinada à industrialização, para obtenção da fécula, amido e, principalmente, farinha. Historicamente, as DIRAs de Marília e Campinas têm participação importante na produção do Estado, contribuindo nos triênios analisados com cerca de 60,0% e 67,0%, respectivamente, do total. Observando-se as médias dos triênios, nota-se que a DIRA de Marília apresentou um incremento substancial na produção, aumentando em 66,0% o total das colheitas. Campinas, por sua vez, mostrou declínio de 37,0% na produção regional. O crescimento da demanda industrial nas sub-regiões de Marília é um dos principais fatores condicionantes dessa evolução (quadros 12, 13 e A.I.5).

#### f) Milho

A produção de milho no Estado acha-se razoavelmente bem distribuída regionalmente, com certa predominância nas DIRAs de Ribeirão Preto, Sorocaba, São José do Rio Preto e Campinas, onde se concentra a suinocultura (quadros 14 e A.I.6).

A área total ocupada com a cultura pouco se expandiu no período (15%), ocorrendo, entretanto, melhoria na produtividade, de tal forma que a produção cresceu 28%. Esse modesto crescimento de área representa apenas uma recuperação parcial da área de milho no início da década de 70 - superior a 1,6 milhão de hectares - e que foi cedendo lugar a outras culturas (cana, soja, etc) no decorrer dos anos 70.

QUADRO 12. - Produção de Mandioca para Indústria, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	45,000	49,500	45,000	46,500	20,700	18,900	19,800	19,800
Vale do Paraíba	31,500	27,000	22,500	27,000	45,000	59,400	28,800	44,400
Sorocaba	45,000	22,500	16,200	27,900	9,000	12,600	16,200	12,600
Campinas	216,000	220,500	247,500	228,000	141,300	147,600	139,500	142,800
Ribeirão Preto	63,000	42,300	33,300	46,200	34,200	29,700	32,400	32,100
Bauru	31,500	19,800	13,500	21,600	15,300	29,700	58,500	34,500
S.J. do Rio Preto	90,000	47,700	36,000	57,900	24,300	18,000	21,600	21,300
Araçatuba	31,500	27,000	24,300	27,600	6,300	5,400	8,100	6,600
Pres. Prudente	49,500	25,200	11,700	28,800	22,500	52,200	78,300	51,000
Marília	297,000	166,500	99,000	187,500	286,200	323,100	325,800	311,700
Estado	900,000	648,000	549,000	699,000	604,800	696,600	729,000	676,800

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 13. - Produção Potencial e Consumo de Farinha de Mandioca, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual <sup>(1)</sup>		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	19/4/76	1981/83	1975	1982			
	(a)	(b)	(c)	(d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	15.345	6.543	12.354	16.546	124,2	39,5	3,0
Vale do Paraíba	8.910	14.652	891	1.147	1.000,0	1.277,4	2,6
Sorocaba	9.207	4.158	601	736	1.531,9	564,9	1,3
Campinas	75.240	47.124	570	769	13.200,0	6.128,0	0,6
Ribeirão Preto	15.246	10.593	578	684	2.637,8	1.548,7	1,0
Bauru	7.128	11.385	482	555	1.478,8	2.051,4	2,2
S.J. do Rio Preto	19.100	7.029	876	920	2.180,4	764,0	2,5
Araçatuba	9.108	2.178	919	915	991,1	238,0	4,7
Pres. Prudente	9.504	16.830	3.077	3.011	308,9	559,0	12,0
Marília	61.875	102.861	881	896	7.023,3	11.480,0	3,5
Estado	230.663	223.344	21.229	26.179	1.086,5	853,1	2,8

(<sup>1</sup>) Produção de farinhas corresponde a 33% do total da produção de mandioca para indústria, estimada com base no rendimento médio de 1kg de farinha para cada 3kg de mandioca.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

QUADRO 14. - Produção de Milho, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo <sup>(1)</sup>, 1973/74 a 1982/83  
(em mil toneladas)

DIRA	Safr a				Safr a			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	66,000	54,000	60,000	60,000	36,300	91,800	81,000	69,700
Vale do Paraíba	60,000	30,000	30,000	40,000	45,900	45,000	44,800	45,233
Sorocaba	480,000	366,000	498,000	448,000	478,200	580,200	395,900	484,767
Campinas	240,000	210,000	246,000	232,000	366,000	337,800	264,700	322,833
Ribeirão Preto	720,000	564,000	744,000	676,000	607,200	841,800	871,440	773,480
Bauru	164,970	90,000	108,000	120,990	87,300	195,000	158,280	146,860
S.J. do Rio Preto	330,000	324,000	498,000	384,000	364,500	517,800	510,960	464,420
Araçatuba	216,000	162,000	252,000	210,000	297,600	311,400	340,800	316,600
Pres. Prudente	126,000	108,000	114,000	116,000	196,500	202,200	169,020	189,240
Marília	225,030	192,000	201,000	206,010	273,300	269,400	322,200	288,300
Estado	2.628,000	2.100,000	2.520,000	2.416,000	2.752,800	3.392,400	3.159,000	3.101,400

<sup>(1)</sup> Não se dispunha de dados de consumo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

O milho é a segunda grande cultura em área depois da cana, cobrin do no início da presente década algo em torno de 20% da área total ocupada por culturas no Estado, caracterizando-se como atividade comercial, ao contrário do que ocorre de forma geral no País, que ainda é basicamente voltado para o auto-consumo.

São Paulo, que já foi o maior produtor nacional na primeira metade dos anos 60 - atualmente é o 5º - é importador sistemático desse produto de outros Estados, para atender a uma demanda interna de 5,0/5,5 milhões, da qual 85% se destinam ao consumo animal na forma "in natura" ou de rações processadas (suinocultura e avicultura, basicamente), cerca de 12% à indústria (farinhas, amidos, óleos, etc) e o restante ao consumo humano "in natura".

#### g) Banana

Quase 90% da produção e área ocupada de banana em São Paulo concentra-se na região do litoral sul do Estado, que faz parte da DIRA de São Paulo. A área plantada no Estado como um todo cresceu 76% na década analisada, enquanto a produção evoluiu apenas 21%, refletindo uma clara deterioração na produtividade da cultura, devido principalmente ao ineficiente controle de pragas e doenças que vem afetando essa cultura nos últimos anos (quadros 15 e A.I.7).

A banana é, hoje, basicamente um produto de mercado interno, pois o País vem perdendo nos últimos anos posição no comércio internacional, apesar de ser o maior produtor dessa fruta. É de grande importância nutricional, pois constitui-se na principal fruta componente da dieta do brasileiro.

Aproximadamente 60% do total produzido são consumidos internamente "in natura", 15% exportados, cerca de 10% do total é industrializado e o

QUADRO 15. - Produção e Consumo de Banana, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a

1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	478.340	606.060	86.759	117.102	551,3	517,5	21,5
Vale do Paraíba	9.342	2.587	3.516	4.529	265,7	57,1	10,3
Sorocaba	35.086	40.885	9.039	11.060	388,2	369,7	19,5
Campinas	8.802	7.272	14.535	19.609	60,6	37,1	15,3
Ribeirão Preto	8.630	5.947	8.279	9.794	104,2	60,7	14,3
Bauru	4.201	977	3.898	4.482	107,8	21,8	17,8
S.J. do Rio Preto	3.527	1.899	4.623	4.855	76,3	39,1	13,2
Araçatuba	1.317	751	2.829	2.815	46,6	26,7	14,5
Pres. Prudente	1.018	1.627	3.709	3.628	27,4	44,8	14,5
Marília	4.181	2.732	2.857	2.904	146,3	94,1	11,3
Estado	554.430	670.897	141.054	180.778	393,1	371,1	18,5

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

restante, ou seja, 10% equivale a perdas na lavoura.

#### h) Tomate

A produção total média de cerca de 750 mil toneladas de tomate em São Paulo, nos primeiros anos da década de 1980, acha-se quase que equitativamente distribuída entre tomate envarado e tomate rasteiro (quadros 16, A.I.8 e A.I.9).

As diferenças ocorrem nas regiões produtoras. O cultivo do tomate envarado, ou seja, tomate para mesa, concentra-se nas DIRAs de Sorocaba e Campinas, que respondem por cerca de 40,8% e 42,9%, respectivamente do total da produção desse tipo de fruta no Estado. Considerando-se a média dos triênios inicial e final da década 1974-1983, observa-se um crescimento da produção total de 15,2% contra 9,1% na área cultivada, significando uma melhoria nos níveis de produtividade. Por sua vez, a exploração de tomate rasteiro, isto é, tomate para indústria ocorre predominantemente nas DIRAs de Araçatuba e Presidente Prudente que produziram em média, na década de 1980, 29,5% e 30,1% do total da produção de São Paulo. Tendo em vista os citados triênios, verifica-se um ganho razoável no rendimento da cultura, uma vez que ao decréscimo de 26,8% na área corresponde um aumento de 50,0% no volume da produção.

A regionalização diferenciada dos dois tipos de tomate ocorre em função, no caso do tomate de mesa, das condições climáticas locais e da proximidade do mercado consumidor e no caso do tomate rasteiro, principalmente da localização das indústrias processadoras e produtoras de massas, sucos, concentrados, etc.

Ainda que seja o principal consumidor de tomate entre os Estados brasileiros, São Paulo dispõe de excedente suficiente para ser a gran

QUADRO 16. - Produção e Consumo de Tomate, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual <sup>(1)</sup>		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	30.427	27.020	92.946	125.303	32,7	21,6	23,0
Vale do Paraíba	6.300	5.460	6.097	7.854	103,3	65,5	17,8
Sorocaba	131.787	148.993	10.413	12.741	1.265,6	1.169,4	22,5
Campinas	110.040	159.513	22.069	29.774	498,6	535,7	23,2
Ribeirão Preto	93.493	83.334	15.358	18.170	608,8	458,6	26,6
Bauru	14.407	34.903	5.292	6.098	272,2	572,4	24,2
S.J. do Rio Preto	75.300	43.775	8.686	9.123	866,9	479,8	24,8
Araçatuba	44.887	115.513	3.640	3.622	1.233,2	3.189,2	18,6
Pres. Prudente	46.120	119.788	5.216	5.104	884,2	2.346,9	20,3
Marília	20.240	16.582	4.364	4.436	463,8	373,8	17,3
Estado	572.667	750.173	174.081	222.225	329,0	337,6	22,8

(<sup>1</sup>) Consumo corresponde apenas a tomate "in natura".

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

de fonte supridora do País.

i) Cebola

O cultivo da cebola é atividade comum em praticamente todo o Estado. Na década de 1980 somente a DIRA de Bauru não se dedica a essa lavoura, entretanto, Sorocaba persiste como a principal DIRA produtora, respondendo por cerca de 48,0% da safra paulista. Campinas e Ribeirão Preto conjuntamente colhem em média 45,0%. Nota-se, portanto, a concentração acentuada, cerca de 93% do total, da lavoura no Estado. Vale lembrar que a maior parte da produção brasileira de cebola tem origem nas citadas regiões paulistas.

Considerando-se o período 1974-83 tem-se um crescimento de produção no Estado da ordem de 45,0% em função dos melhores níveis de produtividade, já que em termos de área houve avanço inferior, ou seja, da ordem de 10,0% (quadros 17 e A.I.10).

A área média cultivada com cebola é pequena e predominantemente explorada por minifúndios. Verificou-se também que a maior área média (2,7 ha) dedicada à cultura situa-se em São Paulo.

A localização das regiões produtoras próxima à capital, além da técnica de produção e da distribuição das safras, entre outros, fazem do Estado de São Paulo a principal fonte fornecedora do País.

- Produtos de mercado externo

a) Café

QUADRO 17. - Produção e Consumo de Cebola por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	1.697	997	55.217	74.504	3,1	1,3	13,7
Vale do Paraíba	300	82	2.829	3.000	10,6	2,7	6,8
Sorocaba	55.870	85.387	5.961	7.294	937,3	117,1	12,9
Campinas	26.750	44.812	12.260	16.507	218,2	271,5	12,9
Ribeirão Preto	12.600	34.753	7.223	8.545	174,4	406,7	12,5
Bauru	200	-	3.112	3.578	6,4	-	14,2
S.J. do Rio Preto	-	3.023	4.295	4.532	-	66,7	12,3
Araçatuba	562	9.903	2.625	2.616	21,4	378,6	13,4
Pres. Prudente	-	50	2.853	2.792	-	1,8	11,1
Marília	175	243	3.185	3.237	5,5	7,5	12,6
Estado	123.533	179.193	99.060	126.605	124,7	141,5	13,0

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

O café ocupa áreas de todo o oeste do Estado de São Paulo concentrando-se, entretanto, nas regiões agrícolas de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Marília. No período 1981/83, a participação de cada região na produção total do Estado foi, respectivamente, de 17%, 27%, 12% e 13%, para uma produção média estadual no período de 448 mil toneladas. Essa distribuição da produção corresponde aproximadamente à distribuição da área ocupada com o produto (quadros 18 e A.I.11).

Nos dez anos analisados, o café no Estado apresentou pequena expansão (20% na produção e 18% na área ocupada) e manteve aproximadamente a mesma distribuição inter-regional do início do período.

Das culturas de exportação, a do café é a mais "solidária" com as culturas alimentares, uma vez que permite a produção intercalar de alimentos básicos como feijão, arroz, milho, etc. Tanto é assim que o declínio da atividade cafeeira, após os planos de erradicação da década de 60, produziu forte impacto no nível e na distribuição da produção de alimentos no Estado.

#### b) Soja

A soja é uma cultura de exploração recente no Estado de São Paulo - e no Brasil - como atividade econômica expressiva, expandindo-se rapidamente a partir da segunda metade da década de 60.

Para se ter uma idéia da evolução da cultura, basta lembrar que em 1968/69 a soja ocupava apenas 47,6 mil hectares no Estado, valor que atingiu, em média, 517 mil hectares nos últimos três anos. No período analisado (1974/83), o crescimento da cultura foi de 71% em termos de quantidade e 38% em termos de área. Esta foi uma das culturas que apresentou os maiores ganhos de produtividade, passando de 1.754kg/ha, em média, no iní

QUADRO 18. - Produção de Café, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	5,400	3,600	2,280	3,760	2,400	6,600	6,420	5,140
Vale do Paraíba	0,240	0,200	0,180	0,207	-	0,600	0,900	0,500
Sorocaba	40,800	15,000	1,080	19,960	12,600	16,200	20,520	16,440
Campinas	45,600	30,000	29,400	35,000	57,000	37,800	60,900	51,900
Ribeirão Preto	82,200	41,400	34,200	52,600	114,600	34,600	75,300	74,833
Bauru	54,120	30,000	9,600	31,240	45,000	36,600	50,280	43,960
S.J. do Rio Preto	132,000	96,000	24,000	84,000	136,200	105,600	115,380	119,060
Araçatuba	29,640	20,100	2,760	17,500	39,600	21,600	22,200	27,800
Pres. Prudente	93,600	87,700	4,500	61,930	88,200	29,400	32,000	52,200
Marília	103,200	96,000	4,200	67,800	69,600	48,000	50,700	56,100
Estado	586,800	420,000	112,200	373,000	565,200	337,200	441,600	448,000

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

cio da década para 2.174kg/ha no final, como reflexo da boa rentabilidade do produto (permitindo um elevado grau de utilização de insumos modernos) e de programas de assistência técnica oficiais.

As principais DIRAs produtoras no Estado são Ribeirão Preto e Marília, que juntas, participaram no triênio 81/83 com 88% da produção estadual total (quadros 19 e A.I.12). Por sua vez, o parque industrial moageiro concentra-se nessas duas regiões, além da DIRA de Presidente Prudente, com uma capacidade instalada total em 1978 de 4,58 milhões de toneladas / ano de grão. A produção estimada de óleo com base na produção de grão do Estado é mostrada no quadro 20; a produção média de óleo no último triênio da série de 202,3 mil toneladas - equivalente a 1,124 milhão de toneladas de grão processado - corresponde, portanto, a apenas 25% da capacidade máxima de moagem da indústria.

### c) Laranja

A produção de laranja no Estado encontra-se concentrada nas DIRAs de Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto, que, somadas, representavam, em média, no triênio agrícola de 1980/81 a 1982/83, cerca de 95% do total tanto em termos de volume como em termos de área (quadros 21 e A.I.13).

Entre o início e o fim da década analisada, a produção se expandiu 110% no Estado, aumentando a concentração da produção nas três DIRAs destacadas acima, que no primeiro triênio, em conjunto, representavam aproximadamente 90% do total. No geral, este crescimento deveu-se principalmente ao aumento da produtividade - que praticamente dobrou na década analisada - uma vez que a área em produção no Estado cresceu 40% no período. O estímulo à melhoria e expansão da cultura provém basicamente de fatores externos, ou seja, crescimento do consumo mundial de suco concentra

QUADRO 19. - Produção de Soja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1973/74 e 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,240	-	-	0,080	-	-	0,600	0,200
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	41,160	34,800	43,380	39,780	43,800	38,400	37,800	40,000
Campinas	17,040	17,400	24,000	19,480	24,000	46,800	39,900	36,900
Ribeirão Preto	309,840	390,000	336,000	345,250	734,800	596,400	506,400	629,200
Bauru	1,320	0,600	1,320	1,080	-	-	1,320	0,440
S.J. do Rio Preto	13,320	19,200	10,800	14,440	22,200	34,800	25,380	27,460
Araçatuba	5,580	0,600	0,900	2,360	7,200	9,600	6,000	7,600
Pres. Prudente	4,500	8,400	42,600	18,500	16,200	18,600	19,800	18,200
Marília	129,000	207,000	306,000	214,000	379,800	383,400	328,800	364,000
Estado	522,000	678,000	765,000	654,970	1.278,000	1.128,000	966,000	1.124,000

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 20. - Produção e Consumo de Óleo de Soja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita" (g/dia)
	<sup>(1)</sup>		<sup>(2)</sup>				
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	
São Paulo	14	36	108.968	147.088	0,0	0,0	27,0
Vale do Paraíba	-	-	5.515	7.105	-	-	16,1
Sorocaba	7.160	7.200	9.762	11.946	73,3	60,3	21,1
Campinas	3.506	6.642	22.699	30.624	15,4	21,7	23,9
Ribeirão Preto	62.145	113.256	12.201	14.435	509,3	784,6	21,1
Bauru	194	79	4.253	4.891	0,5	0,2	19,4
S.J. do Rio Preto	2.599	4.943	6.728	7.066	38,6	70,0	19,2
Araçatuba	425	1.368	4.088	4.068	10,4	33,6	20,9
Pres. Prudente	3.330	3.276	4.949	4.843	67,3	67,6	19,3
Marília	38.520	65.520	4.232	4.301	910,2	1.523,4	16,8
Estado	117.900	202.320	183.395	236.367	64,3	85,6	24,0

<sup>(1)</sup> Representa aproximadamente 18% da produção de soja no Estado, que corresponde ao rendimento médio do grão em óleo.

<sup>(2)</sup> Inclui, também, o consumo de outros óleos vegetais, cujas quantidades são, entretanto, irrelevantes.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

QUADRO 21. - Produção e Consumo de Laranja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual <sup>(1)</sup>		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	37.200	41.752	196.849	265.691	18,9	15,7	48,9
Vale do Paraíba	22.800	11.424	5.752	7.410	396,4	154,2	16,8
Sorocaba	117.600	234.056	12.926	15.817	909,8	1.479,8	27,9
Campinas	964.667	1.978.801	31.010	41.836	3.110,8	4.729,9	32,7
Ribeirão Preto	1.750.667	3.099.848	20.094	23.772	8.712,4	13.039,9	34,7
Bauru	53.600	65.688	6.289	7.231	852,3	908,4	28,7
S.J. do Rio Preto	512.000	1.955.408	10.670	11.206	4.798,5	17.449,7	30,4
Araçatuba	43.600	48.552	6.415	6.384	679,7	760,5	32,8
Pres. Prudente	5.400	2.448	7.121	6.968	75,8	35,1	27,8
Marília	44.933	23.800	3.725	3.786	1.206,3	628,6	14,8
Estado	3.548.000	7.461.777	300.851	390.101	1.179,3	1.912,8	39,4

<sup>(1)</sup> Consumo corresponde apenas à laranja "in natura"; não havia dados disponíveis de consumo de sucos.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

do, além de distúrbios climáticos que afetam periodicamente os principais países produtores, gerando estímulos de preços à ampliação interna da atividade.

A maior parte da produção nos últimos anos destina-se à industrialização (65%) - quase que totalmente exportada - e 35% é consumida (na maior parte) ou exportada "in natura".

#### d) Cana-de-açúcar <sup>(5)</sup>

A cultura da cana-de-açúcar ocupava nos últimos três anos, em média, 1.240,7 mil hectares, sendo a cultura que ocupa a maior área no Estado. Ainda que esteja presente em todas as regiões, esta cultura apresenta área e produção extremamente concentradas nas DIRAs de Campinas (23%), Ribeirão Preto (37%) e Bauru (14%).

No período 1974-1983, foi a cultura que apresentou a maior taxa de expansão do Estado (da ordem de 87%), passando de 841,3 mil hectares em 1974-76 para 1.569,3 mil hectares em 1981-83. Como contrapartida, a produção teve um crescimento de 136% no período (de 39 para 91,9 milhões de toneladas), graças ao significativo aumento na produtividade, resultante da introdução e melhorias de variedades e de grandes investimentos e maiores gastos de custeio no setor (quadros 22, 23 e A.1.14).

Os derivados da cana, devido à importância do açúcar no comércio internacional e, recentemente, à alternativa energética em que se constituiu o álcool, têm merecido desde o início da década atenção especial, internamente por parte do Governo e, externamente, por parte dos principais

---

<sup>(5)</sup> A inclusão da cana-de-açúcar como produto de "mercado externo", neste trabalho, deve-se ao fato de que, tanto a agroindústria canavieira como a política governamental para o setor são orientados essencialmente pelo mercado internacional do açúcar e de combustíveis e seu impacto na balança comercial.

QUADRO 22. - Produção de Cana-de-Açúcar para Indústria, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo,  
1973/74 a 1982/83

(em milhão de toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,070	0,070	0,080	0,733	0,090	0,070	0,073	0,078
Vale do Paraíba	0,080	0,080	0,080	0,080	0,100	0,120	0,122	0,114
Sorocaba	2,200	2,150	3,500	2,617	4,390	5,660	5,973	5,341
Campinas	11,000	9,400	14,440	11,613	18,270	21,450	24,330	21,350
Ribeirão Preto	12,000	14,470	17,700	14,723	29,160	33,900	38,973	34,011
Bauru	5,000	4,840	6,200	5,347	8,900	14,600	14,980	12,827
S.J. do Rio Preto	1,300	1,570	2,000	1,623	4,840	6,000	6,910	5,917
Araçatuba	0,750	0,510	0,500	0,587	1,290	2,910	5,060	3,087
Pres. Prudente	0,120	0,460	0,500	0,360	1,530	3,150	3,909	2,863
Marília	1,480	2,050	2,500	2,010	4,570	6,330	8,120	6,340
Estado	34,000	35,600	47,500	39,033	73,140	94,190	108,450	91,927

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 23. - Produção Estimada (Potencial) de Açúcar a partir da Produção de Cana-de-Açúcar, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo (1), 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,007	0,007	0,008	0,007	0,009	0,007	0,007	0,008
Vale do Paraíba	0,009	0,008	0,008	0,008	0,010	0,012	0,012	0,011
Sorocaba	0,220	0,215	0,350	0,262	0,439	0,566	0,597	0,534
Campinas	1,100	0,940	1,444	1,161	1,827	2,145	2,433	2,135
Ribeirão Preto	1,200	1,447	1,770	1,472	2,916	3,390	3,897	3,401
Bauru	0,500	0,484	0,620	0,535	0,890	1,460	1,498	1,283
S.J. do Rio Preto	0,130	0,157	0,200	0,163	0,484	0,600	0,691	0,592
Araçatuba	0,075	0,051	0,050	0,059	0,129	0,291	0,506	0,309
Pres. Prudente	0,012	0,046	0,050	0,036	0,153	0,315	0,391	0,286
Marília	0,148	0,205	0,250	0,201	0,457	0,633	0,812	0,634
Estado	3,400	3,560	4,750	3,903	7,314	9,419	10,845	9,193

(1) Corresponde a aproximadamente 10% do volume produzido de cana; estimado com base no rendimento médio em açúcar (100 kg/t de cana).

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

países participantes do comércio internacional. Assim, em 1968 foi celebrado o 1º Acordo Internacional do Açúcar, que aliás se encontra em crise atualmente; em 1971 foi implementado um programa de reorganização do parque industrial açucareiro do País. Em 1975 foi implementado o PROALCOOL, com metas ambiciosas, que se constitui numa poderosa alavanca para a agroindústria canavieira no País. O conjunto destes fatores acabou por privilegiar a produção de cana-de-açúcar em relação aos demais produtos do setor e explica a forte expansão da cultura no Estado em detrimento dos demais, conforme mostrou CAMARGO (1) entre outros.

#### 4 - DISPONIBILIDADE DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESTADO A NÍVEL REGIONAL

A comparação entre produção e consumo, este estimado a partir do consumo "per capita" levantado pelo ENDEF em 1974/75, apenas ilustra e reforça as evidências mostradas pela análise da produção da secção 3 deste trabalho. O quadro 24 apresenta o balanço de produção e consumo agregados para o Estado; os de nºs 2 a 8 e nºs 11, 13, 15, 16, 17, 20 e 21 apresentam os mesmos dados por produto, segundo as DIRAs.

Os produtos de origem vegetal exportáveis e/ou orientados basicamente pelo mercado internacional apresentam, com exceção do café e soja, volumes produzidos várias vezes superiores às necessidades de consumo do Estado nos dois períodos analisados (1974-76 e 1981-83), com taxas de crescimento entre os mesmos que superam de muito o crescimento populacional (de 3,5% a.a.) do período.

Dos nove produtos vegetais de mercado interno analisados no quadro 24 e nos quadros comparativos de produção e consumo, apenas dois apresentaram crescimento na relação produção-consumo entre os dois períodos -

QUADRO 24. - Disponibilidade de Produtos Agropecuários e Derivados no Estado de São Paulo,  
1974/76 a 1981/83

(em tonelada)

Produto	Produção média anual		Consumo anual		Produção/consumo	
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)
<b>Origem Vegetal</b>						
<b>-Mercado Externo</b>						
Cafê	373.000	448.000	-	-	-	-
Óleo de soja <sup>(1)</sup>	117.900	202.320	183.395	236.367	64,3	85,6
Laranja	3.548.000	7.461.777	300.851	390.101	1.179,3	1.912,8
Açúcar <sup>(2)</sup>	3.903.000	9.193.000	580.328	739.697	672,6	1.242,8
<b>-Mercado Interno</b>						
Arroz	437.912	342.157	1.047.459	1.339.585	40,8	25,5
Feijão	126.780	380.620	380.385	497.939	32,2	76,4
Far. de trigo <sup>(3)</sup>	98.487	126.259	-	-	-	-
Batata	412.200	545.580	304.084	390.340	135,6	139,8
Far. de mandioca	230.663	223.344	21.229	26.179	1.086,5	853,1
Banana	554.430	670.897	141.054	180.778	393,1	371,1
Tomate <sup>(4)</sup>	572.927	750.000	174.081	222.225	329,1	337,5
Cebola	123.533	179.193	99.060	126.605	124,7	141,5
<b>Origem Animal</b>						
Carne bovina	482.928	444.230	309.537	396.438	156,0	111,5
Leite <sup>(5)</sup>	1.564.246	1.775.454	994.226	1.269.302	157,3	139,9
Carne suína	67.434	80.517	71.161	89.381	94,8	90,1
Carne de aves	120.796	313.405	185.129	238.031	65,2	131,7
Ovos	327.188	432.808	130.637	167.805	250,5	257,9

<sup>(1)</sup> Produção potencial estimada com base no rendimento médio do grão em óleo. Os dados de consumo incluem outros óleos vegetais comestíveis, cujo consumo, entretanto, é irrelevante.

<sup>(2)</sup> Produção potencial estimada com base no rendimento médio da matéria-prima em açúcar. Consumo anual estimado a partir do consumo por comensal-dia, não do per capita como nos demais produtos.

<sup>(3)</sup> Produção potencial estimada com base no rendimento médio do grão em farinha.

<sup>(4)</sup> Consumo só de tomate "in natura".

<sup>(5)</sup> A produção é de leite "in natura", da qual em média, apenas cerca de 50% era pasteurizada no período 1974/76 e 65% no período 1981/83.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

feijão e cebola. No caso da cebola, o Estado é exportador do produto, mas para o feijão, apesar da evolução favorável, São Paulo importou de outros Estados aproximadamente 1/4 de suas necessidades nos últimos anos.

Alimentos importantes como a batata e os derivados de trigo, mandioca e tomate tiveram crescimento de produção no mesmo ritmo do consumo, ainda que para o trigo - produto muito importante nutricionalmente - a disponibilidade estava muito aquém das necessidades internas. Arroz e banana apresentaram desempenho insatisfatório no âmbito da produção. A produção de arroz, que no início do período analisado cobria em torno de 40% do consumo, atualmente não representa mais de 25%, tendo apresentado forte redução em sua produção em termos absolutos.

É interessante notar que, apesar do desbalanceamento entre feijão e arroz no Estado no âmbito da produção, no lado do consumo a combinação, em termos de quantidades entre esses dois alimentos em São Paulo, está muito próxima das quantidades (e proporções) recomendadas como as mais adequadas nutricionalmente e também pelas sugestões de dietas de custo mínimo apresentadas no VIIº SIBAN <sup>(6)</sup>. Os dados de consumo efetivo levantados pelo ENDEF indicaram quantidades médias consumidas "per capita" no Estado de 170g/dia de arroz e de 65g/dia de feijão o que dá uma proporção de 62,4% e 37,6% entre os dois produtos; as referidas recomendações de consumo indicam quantidades de 140g e 45g (proporções de 67,9% e 32,1%), respectivamente.

Quando se observa a composição da produção agrícola a nível regional, nota-se que há uma certa concentração dos vários grupos de produtos em termos de macrorregiões do Estado. Os principais alimentos de origem vegetal e animal ocupam, a grosso modo, as DIRAs de maior concentração populacional do leste e do centro do Estado. Os produtos exportáveis e

<sup>(6)</sup> De acordo com os resultados dos trabalhos apresentados no VIIº SIBAN, a serem publicados nos seus Anais.

energéticos concentram-se nas regiões centrais (Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Marília) e a produção de gado bovino ocupa basicamente o oeste paulista.

Sorocaba é a DIRA mais equilibrada em termos da composição da produção de alimentos. Dominada pela policultura alimentar, é a principal região supridora do mercado da Grande São Paulo, apresentando grandes excedentes exportáveis. Campinas é a segunda região produtora mais diversificada, possuindo, entretanto, uma elevada participação de produtos exportáveis e de cana-de-açúcar, a qual foi crescente ao longo da década analisada.

As DIRAs de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Bauru, notadamente, passaram por grande alteração na composição da produção agrícola, apresentando elevada taxa de expansão de produtos de mercado externo em detrimento das culturas alimentares e de áreas de pastagem (1).

Especificamente em relação à produção de origem animal, o Estado, se for considerado apenas o consumo "in natura", não é auto-suficiente na produção de carne suína (quadros 2 a 6). Em relação à produção de aves e ovos o Estado como um todo e praticamente todas as DIRAs, à exceção da de São Paulo, possuem excedentes exportáveis. Em relação à carne bovina, o Estado e as DIRAs (exceto as de São Paulo e Campinas) são auto-suficientes, em relação ao consumo "in natura". O mesmo ocorre com leite: o Estado seria auto-suficiente em relação ao consumo de leite fluido, se apenas fosse esta a destinação da produção, sendo que todas as DIRAs menos a de São Paulo - são exportadoras líquidas do produto. O Estado de São Paulo, entretanto, apresenta déficit permanente de oferta total de leite pasteurizado, estimado em cerca de 10%, devido à parcela destinada à industrialização.

## 5 - CONCLUSÕES

De maneira geral, o que se observou no Estado de São Paulo no período 1974-83 foi a forte expansão daqueles produtos agropecuários orientados para ou pelo mercado internacional, destacando-se a cana-de-açúcar, a laranja e a soja; mesmo o café teve crescimento de área e produção no período. Os produtos destinados ao mercado interno, principalmente alimentos, ao contrário, apresentaram retração, estagnação ou modesto crescimento, de área e produtividade.

A combinação destas duas tendências resultou, ao longo da década, na alteração da composição da agricultura no Estado, em prejuízo do grupo de produtos alimentares, o que significou, de fato, o reforço nesse movimento que já vinha ocorrendo desde a segunda metade da década de 60. Como resultado, o Estado de São Paulo passou a ser cada vez mais dependente das importações de alimentos de outros Estados, fato que ocorre com os principais alimentos arroz, feijão, trigo e leite.

A nível das diferentes DIRAs, o que se verificou é que, no caso da produção animal, praticamente todas as regiões (exceto a DIRA de São Paulo) são auto-suficientes, constituindo-se, muitas delas, em exportadoras para outras regiões, notadamente para a Grande São Paulo.

Em relação à produção de alimentos básicos de origem vegetal, o quadro é bem mais complexo. No geral, somente para a mandioca e provavelmente para o milho todas as DIRAs (exceto São Paulo) são auto-suficientes em termos de consumo humano; para os demais produtos alimentares ocorrem déficits em diversas regiões.

A produção de feijão, trigo, batata, cebola e tomate, apresenta-se bastante concentrada na DIRA de Sorocaba - principal região produtora e exportadora de alimentos do Estado - e rarefeita nas demais, sendo

que destes alimentos, o Estado é auto-suficiente apenas nos três últimos. O arroz é o alimento básico que apresenta o problema mais sério de abastetecimento; além de São Paulo importar regularmente acima de 70% de suas necessidades, todas as DIRAs têm produção deficitária em relação ao consumo.

Não apenas a relação produção-consumo total, mas também a distribuição - o grau de dispersão/concentração - da produção inter-regional é fator importante para o planejamento e implementação de programas de apoio à produção e de distribuição de alimentos a nível local. Assim, programas locais de abastecimento e de suplementação alimentar no Estado de São Paulo de grande porte deverão esbarrar com o obstáculo básico, que é o da disponibilidade do produto, a não ser que se incorra em elevados custos de transporte. Dessa forma, no caso dos alimentos de origem vegetal, a tarefa que se coloca, em primeira instância, é a do estímulo à sua produção.

Em relação à produção de origem animal, entretanto, a situação, como se viu, é substancialmente diferente. Dada a disseminação da produção, os eventuais programas poderão contar, em geral, com uma disponibilidade local satisfatória. Este fato é importante, principalmente em relação à produção de ovos e leite - alimentos fundamentais do ponto de vista nutricional - viabilizando a compra e venda (ou a distribuição gratuta via Secretarias de Estado da área social) às populações carentes.

## 6 - RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICA: PROPOSTA DE MEDIDAS DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Como demonstram os dados deste trabalho, o segmento da agricul

tura que se constitui problema é o de produção de alimentos, motivo pelo qual as propostas a seguir são orientadas basicamente no sentido de incentivar a oferta satisfatória desses produtos.

## 6.1 - Recomendações de Política Global

- Inverter radicalmente os critérios de fixação da política agrícola e alimentar no País.

Até o momento, a política agrícola e a produção de alimentos dependem e são subprodutos das metas monetárias da política econômica global e, recentemente, dos compromissos com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Assim, para se conseguir os superávits na Balança Comercial que o País está obtendo, a custos sociais elevadíssimos para cumprir os pontos do acordo com o FMI, e reduzir a inflação, sacrifica-se (como um simples exercício estatístico) o emprego, o salário real (poder aquisitivo) da população e o setor agrícola voltado para a alimentação.

Proposta: Que as metas da política econômica global (orçamento monetário, saldo na balança comercial, metas relacionadas à inflação) sejam fixadas a partir da meta principal, qual seja, da satisfação das necessidades nutricionais da população, invertendo assim a ordem de determinação na política econômica. Partindo-se, portanto, das necessidades nutricionais (calórico-proteicas) da população; determinam-se "cestas alimentares" ou um conjunto básico de alimentos suficientes para proporcionar a adequação nutricional estabelecida; estimam-se as quantidades consumidas totais anuais dos diversos alimentos, fixando-se um percentual a mais (10% a 20%) de cada alimento que adicionado ao consumo total constituam os estoques estratégicos do Governo; determinam-se

finalmente as quantidades a serem produzidas de cada alimento básico a cada ano agrícola.

A partir deste parâmetro, seriam acionados e mobilizados todos os mecanismos de política agrícola e os instrumentos de política monetária e fiscal necessários para que fosse cumprida aquela meta básica.

## 6.2 - Medidas de Política Agrícola

- Em primeiro lugar é fundamental a existência de um conjunto de políticas e instrumentos de incentivo à produção com coerência entre si e com continuidade no tempo, dada a fragilidade econômico-financeira do subsetor produtor de alimentos básicos, que é constituído em sua maioria de pequenos agricultores.

- Necessidade de uma política rigorosa de zoneamento agrícola a nível regional, a fim de garantir o crescimento da produção de alimentos a taxas consistentes com o crescimento do consumo, limitando quando for o caso e reorientando em termos geográficos a produção dos produtos não alimentares.

- Dar prioridade ou pelo menos idênticas condições ao desenvolvimento de pesquisas voltadas para a produção e comercialização de alimentos, uma vez que a pesquisa tradicionalmente sempre privilegiou os produtos exportáveis.

- Existência de uma política de estoques governamentais estratégicos que regule e garanta permanentemente o abastecimento de mercado e evite grandes elevações de preços como os que vêm ocorrendo nos últimos meses. Sendo assim, deve fazer parte dessa política, a importação de produtos, sempre que surgir a perspectiva de escassez interna, a fim de garantir um nível mínimo de estoques nas mãos do Governo.

- Sempre que se fizer necessário, em situações conjunturais di

fíceis como a atual, oferecer mecanismos adicionais de incentivo na forma de subsídios à produção, ao crédito rural (como havia até 1983) ou ao preço dos insumos adquiridos pelos agricultores (sementes, principalmente).

- Identificação de áreas de concentração de produtores de alimentos e/ou áreas com grande potencial de resposta a estímulos, a nível de cada DIRA, onde o Governo concentraria esforços de apoio à produção e distribuição (instrumentos de política, infra-estrutura, atividades de comercialização, etc.) discriminando favoravelmente tais áreas, e transformando-as em supridoras permanentes e prioritárias dos estoques governamentais.

- Especificamente em relação à produção de leite - pela sua importância nutricional - caberia aos Governos Federal e/ou Estadual fornecer recursos para que a assistência técnica e a pesquisa desenvolvam um modelo de sistema de produção, em cada região, que demonstre ao produtor como melhorar a eficiência de sua atividade.

## LITERATURA CITADA

1. CAMARGO, Ana M.M.P. de. Substituição regional entre as principais atividades agrícolas no Estado de São Paulo. São Paulo, ESALQ/USP, 1983. 236p. (Tese de Mestrado)
2. CAMPOS, Humberto de & PIVA, Luiz H. de O. Dimensionamento de amostra para estimativa e previsão de safra no Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 21(3):65-68, 1974.
3. HOMEM DE MELO, Fernando B. Produção e disponibilidade de alimentos no Brasil e impactos distributivos. São Paulo, IPE/USP, 1981. 87p. (Trabalhos para Discussão, 44)
4. NOGUEIRA JR., Sebastião. Parâmetros para identificação de áreas apropriadas à cultura de milho no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1981. 14p. (mimeo)
5. PELIANO, A.M.M. et alii. O problema alimentar brasileiro. Rio de Janeiro, IPEA, 1983. 41p. (Documento de Trabalho, 11)
6. PROGNÓSTICO. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, diversos anos.
7. PROGNÓSTICO REGIÃO CENTRO-SUL. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, diversos anos.
8. ROCHA, Marina B. & HELLEMEISLER, Silvia R. Minimização do custo de transporte de oleaginosas para industrialização no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1984. (no prelo)
9. SILVA, Gabriel L.S.P.; FONSECA, Maria A.S.; MARTIN, Nelson B. Pesquisa e produção agrícola no Brasil. São Paulo, Secretaria da Agricultura, IEA, 1979. 78p. (Relatório de Pesquisa, 17/79)

10. VIACAVA, Francisco; FIGUEIREDO, Célia M.P. de S.; OLIVEIRA, Waldir A. A desnutrição no Brasil: uma análise do Estado Nacional da Despesa Familiar (IBGE 74/75) para o Nordeste, Estado de São Paulo e Estado do Rio de Janeiro. Petrópolis, Vozes/FINEP, 1983. 199p.
11. VIEIRA, José L.T.M. & GATTI, Elcio U. Evolução recente da produção de feijão no Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, 13 (5):19-28, maio 1983.

#### RESUMO

O trabalho analisa a disponibilidade de produtos agropecuários a nível das Divisões Regionais Agrícolas no Estado de São Paulo, na década 1974-83, tendo como preocupação básica a questão do abastecimento alimentar. O estudo se baseia em dados de produção levantados pelo IEA e de consumo estimados a partir de dados do IBGE. A partir dessa análise, são apresentadas recomendações de política econômica, visando prioritariamente a produção de alimentos.

## DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83

## ANEXO I

EVOLUÇÃO DA ÁREA OCUPADA PELAS PRINCIPAIS CULTURAS POR DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA, ESTADO DE SÃO PAULO, 1973/74 a 1982/83

QUADRO A.I.1 - Evolução da Área de Arroz no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)								
DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	10,100	8,200	6,800	8,367	7,200	7,200	6,450	6,950
Vale do Paraíba	19,400	16,700	16,500	17,533	15,800	16,800	18,600	17,067
Sorocaba	49,800	61,500	85,500	65,600	38,800	39,400	41,950	40,050
Campinas	39,000	52,900	52,700	48,200	46,900	34,300	40,100	40,433
Ribeirão Preto	123,000	134,700	108,800	122,167	46,100	59,900	66,900	57,633
Bauru	13,800	12,700	14,000	13,500	9,800	11,500	12,100	11,133
S.J. do Rio Preto	124,000	130,000	170,200	141,400	87,000	77,200	89,400	84,533
Araçatuba	26,100	33,000	48,200	35,767	20,600	23,300	21,100	21,667
Pres. Prudente	16,100	19,600	45,500	27,067	18,500	16,800	13,900	16,400
Marília	43,400	54,400	72,100	56,633	24,300	24,900	23,600	24,267
Estado	464,700	523,700	620,300	536,233	315,000	311,300	334,100	320,133

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.2 - Evolução da Área de Feijão no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	21,900	9,300	8,600	13,267	8,900	10,500	10,500	9,967
Vale do Paraíba	10,400	7,600	8,100	8,700	13,400	16,700	12,520	14,207
Sorocaba	175,400	154,000	158,700	162,700	311,300	395,800	362,290	356,463
Campinas	29,700	19,400	15,300	21,467	31,000	36,300	27,870	31,723
Ribeirão Preto	9,600	4,400	3,400	8,700	24,300	31,200	24,875	26,792
Bauru	4,400	4,900	2,000	3,767	10,300	11,720	9,710	10,577
S.J. do Rio Preto	6,700	3,600	4,200	4,833	25,300	21,900	17,340	21,513
Araçatuba	1,100	1,750	3,000	1,950	17,800	13,800	13,890	15,163
Pres. Prudente	15,400	11,150	18,950	15,167	81,100	42,630	40,530	54,753
Marília	21,000	15,100	17,450	17,850	48,800	37,250	27,175	37,742
Estado	289,600	231,200	239,700	253,500	572,200	617,800	546,700	578,900

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.3 - Evolução da Área de Trigo no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,150	0,150	0,250	0,183	0,300	0,360	0,350	0,337
Vale do Paraíba	0,030	0,030	0,030	0,030	0,100	-	0,070	0,057
Sorocaba	2,280	10,200	13,400	7,960	8,000	8,000	8,230	8,077
Campinas	0,140	0,250	0,400	0,263	1,000	1,300	5,320	2,540
Ribeirão Preto	-	0,080	0,270	0,117	0,300	0,740	2,440	1,160
Bauru	-	0,380	0,300	0,227	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	0,400	0,133
Araçatuba	-	0,050	0,050	0,033	-	-	-	-
Pres. Prudente	9,750	6,800	9,000	8,517	6,200	6,100	6,590	6,297
Marília	97,450	102,660	157,500	119,203	126,000	121,200	121,550	122,917
Estado	109,800	120,600	181,200	136,533	141,900	137,700	144,950	141,518

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.4 - Evolução da Área de Batata no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	6,330	7,440	6,950	6,907	5,360	6,420	6,060	5,947
Vale do Paraíba	1,500	2,020	2,080	1,860	2,210	2,780	2,645	2,545
Sorocaba	10,420	10,880	10,330	10,543	12,470	11,740	12,130	12,113
Campinas	11,700	9,230	8,450	9,793	6,830	7,380	7,655	7,288
Ribeirão Preto	1,990	0,980	0,880	1,283	1,790	1,430	1,480	1,567
Bauru	0,220	0,320	0,185	0,242	0,200	0,070	0,025	0,098
S.J. do Rio Preto	0,200	0,380	0,130	0,237	-	0,020	0,185	0,068
Araçatuba	-	-	-	-	0,090	0,020	0,020	0,043
Pres. Prudente	0,050	0,110	0,070	0,077	0,030	0,030	0,430	0,163
Marília	1,170	0,940	0,725	0,945	0,570	0,570	0,400	0,513
Estado	33,600	32,300	29,800	31,900	29,550	30,460	31,020	30,345

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.i.5 - Evolução da Área de Mandioca para Indústria no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	3,910	4,080	4,386	4,125	2,270	2,295	1,950	2,172
Vale do Paraíba	2,295	2,040	1,785	2,040	2,975	3,020	2,420	2,805
Sorocaba	3,400	1,870	1,224	2,165	0,935	1,230	1,190	1,118
Campinas	15,895	12,750	12,520	13,722	6,502	7,480	8,410	7,464
Ribeirão Preto	4,675	3,825	2,848	3,782	2,380	1,830	1,980	2,063
Bauru	2,720	1,615	1,326	1,887	1,462	2,120	3,340	2,307
S.J. do Rio Preto	8,330	5,355	3,961	2,941	2,830	1,960	2,060	2,283
Araçatuba	2,210	2,125	1,700	2,012	0,799	0,595	0,680	0,691
Pres. Prudente	5,355	3,315	1,352	3,340	2,286	3,360	3,540	3,062
Marília	25,330	13,005	8,678	15,672	22,865	23,040	19,790	21,898
Estado	74,120	49,980	39,780	54,627	45,305	46,920	45,360	45,862

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.6 - Evolução da Área de Milho no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	34,000	54,000	36,000	41,333	16,300	32,400	30,500	26,400
Vale do Paraíba	26,500	18,700	18,000	21,066	31,100	24,000	23,800	26,300
Sorocaba	269,700	210,800	267,000	249,167	211,400	232,900	175,400	206,567
Campinas	110,500	106,400	115,000	110,633	167,900	170,000	102,500	146,800
Rib. Preto	301,500	244,800	278,000	274,767	206,200	285,700	271,500	254,467
Bauru	84,303	52,900	56,000	64,401	47,900	80,400	69,800	66,033
S.J. do Rio Preto	167,500	169,300	190,000	175,600	161,800	187,900	180,800	176,833
Araçatuba	101,200	77,200	106,000	94,800	118,200	108,700	109,000	111,967
Pres. Prudente	77,900	68,000	89,000	78,300	96,500	87,200	79,900	87,867
Marília	116,897	103,900	115,000	111,932	119,300	121,500	122,800	121,200
Estado	1.290,000	1.106,000	1.270,000	1.222,000	1.706,600	1.330,700	1.166,000	1.401,100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.1.7 - Evolução da Área de Banana no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	27,875	30,133	31,633	29,880	48,040	55,634	48,690	50,788
Vale do Paraíba	0,600	0,300	0,410	0,437	0,210	0,216	0,285	0,237
Sorocaba	1,403	1,613	3,400	2,139	3,380	2,405	2,510	2,765
Campinas	0,525	0,460	0,447	0,477	0,545	0,501	0,430	0,492
Ribeirão Preto	0,823	0,387	0,380	0,530	0,330	0,233	0,475	0,346
Bauru	0,202	0,227	0,187	0,205	0,075	0,063	0,065	0,068
S.J. do Rio Preto	0,316	0,140	0,127	0,194	0,090	0,059	0,120	0,090
Araçatuba	0,164	0,040	0,040	0,081	0,065	0,042	0,045	0,051
Pres. Prudente	0,101	0,067	0,127	0,098	0,085	0,039	0,040	0,055
Marília	0,291	0,233	0,236	0,253	0,180	0,148	0,150	0,159
Estado	32,300	33,600	36,987	34,296	53,000	59,340	52,810	55,050

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.8 - Evolução da Área de Tomate Rasteiro no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	-	-	-	-	-	-	0,090	0,090
Campinas	-	-	-	-	0,070	-	-	0,070
Ribeirão Preto	10,900	6,300	3,130	6,777	2,500	2,900	2,890	2,763
Bauru	0,380	0,890	0,630	0,633	1,370	1,000	0,710	1,027
S.J. do Rio Preto	4,060	6,060	5,600	5,240	2,120	2,100	2,170	2,130
Araçatuba	5,600	2,500	2,790	3,630	3,340	4,090	3,440	3,623
Pres. Prudente	1,400	3,350	2,730	2,493	4,160	4,800	3,470	4,143
Marília	0,460	1,300	1,320	1,027	0,940	0,810	0,430	0,727
Estado	22,800	20,400	16,200	19,800	14,500	15,700	13,200	14,467

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.9 - Evolução da Área de Tomate Envarado no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,640	0,600	0,600	0,613	0,600	0,590	0,510	0,567
Vale do Paraíba	0,240	0,150	0,170	0,187	0,170	0,170	0,170	0,170
Sorocaba	3,100	3,440	2,720	3,087	2,840	3,000	3,255	3,032
Campinas	1,980	1,720	2,200	1,967	2,600	3,220	2,990	2,937
Ribeirão Preto	0,360	0,510	0,460	0,443	0,340	0,320	0,330	0,330
Bauru	0,070	0,070	0,065	0,068	0,050	0,060	0,060	0,057
S.J. do Rio Preto	0,050	0,050	0,030	0,043	0,015	0,020	0,020	0,018
Araçatuba	0,010	0,020	0,025	0,018	0,005	0,010	0,025	0,013
Pres. Prudente	0,020	0,035	0,030	0,028	0,070	0,100	0,090	0,087
Marília	0,130	0,105	0,100	0,103	0,050	0,010	0,020	0,027
Estado	6,600	6,700	6,400	6,567	6,740	7,500	7,470	7,237

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.10 - Evolução da Área de Cebola no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,590	0,600	0,420	0,537	0,100	0,065	0,060	0,075
Vale do Paraíba	0,120	0,060	0,060	0,080	0,020	0,015	0,010	0,015
Sorocaba	6,060	6,650	6,150	6,287	5,340	6,240	5,320	5,633
Campinas	2,850	3,280	3,530	3,220	3,180	3,160	3,215	3,185
Ribeirão Preto	1,070	1,030	1,560	1,220	2,880	2,750	3,180	2,937
Bauru	0,030	0,030	0,030	0,030	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	0,060	0,170	0,170	0,133
Araçatuba	0,010	-	0,110	0,060	0,790	0,510	0,590	0,630
Pres. Prudente	-	-	-	-	-	0,010	0,005	0,005
Marília	0,070	0,050	0,040	0,053	0,030	0,030	0,040	0,033
Estado	19,800	11,700	11,900	11,467	12,400	12,950	12,590	12,647

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.11 - Evolução da Área de Café no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	9,500	6,900	7,600	8,000	9,861	12,067	8,454	10,127
Vale do Paraíba	0,600	0,500	0,500	0,533	0,318	0,704	0,715	0,579
Sorocaba	53,800	52,500	19,300	41,867	42,807	32,511	27,596	34,305
Campinas	62,100	63,000	70,100	65,067	91,242	102,679	104,800	99,574
Ribeirão Preto	131,500	125,700	145,700	134,300	172,530	148,228	156,128	158,962
Bauru	86,300	70,600	69,300	75,400	84,814	112,610	109,973	102,466
S.J. do Rio Preto	161,500	173,400	169,100	168,000	229,504	231,192	201,025	220,574
Araçatuba	40,400	36,700	32,800	36,633	54,288	38,532	37,470	43,430
Pres. Prudente	108,600	136,100	121,900	122,200	121,636	88,694	116,635	108,988
Marília	145,700	134,600	109,300	129,867	160,600	138,383	125,804	141,596
Estado	800,000	800,000	745,600	781,867	967,600	905,600	888,600	920,600

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.12 - Evolução da Área de Soja no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,150	-	-	0,050	-	-	0,450	0,150
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	26,000	20,700	30,000	25,567	28,900	21,900	18,430	23,077
Campinas	11,700	13,100	15,000	13,267	13,200	24,000	20,690	19,297
Ribeirão Preto	211,000	245,900	184,000	213,633	330,200	257,900	246,450	278,183
Bauru	1,000	0,450	0,850	0,767	-	-	0,750	0,250
S.J. do Rio Preto	11,000	6,750	5,000	7,583	12,300	16,000	12,500	13,600
Araçatuba	3,000	0,500	0,850	1,450	3,200	4,200	3,370	3,590
Pres. Prudente	3,650	4,300	19,300	9,083	8,400	8,300	9,650	8,783
Marília	67,500	99,500	139,000	102,000	176,400	176,000	157,710	170,037
Estado	335,000	391,200	394,000	373,300	572,600	508,300	470,000	516,967

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.13 - Evolução da Área de Laranja no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	2,650	2,694	2,375	2,573	2,550	2,150	2,100	2,267
Vale do Paraíba	2,050	1,772	1,700	1,841	0,850	0,800	0,900	0,850
Sorocaba	10,000	9,026	11,600	10,209	12,200	12,250	12,150	12,200
Campinas	110,000	126,176	115,250	117,142	137,000	139,600	142,800	139,800
Ribeirão Preto	181,500	169,510	194,500	181,837	235,650	259,350	267,900	254,300
Bauru	4,250	3,875	3,850	3,992	4,400	4,600	5,000	4,667
S.J. do Rio Preto	57,000	58,788	72,750	62,846	133,250	113,950	126,900	124,700
Araçatuba	4,300	3,544	4,150	3,998	3,200	3,300	3,300	3,267
Pres. Prudente	-	0,449	0,425	0,437	0,200	0,250	0,250	0,233
Marília	6,250	3,166	3,400	4,272	1,900	1,650	1,300	1,617
Estado	378,000	379,000	410,000	389,000	531,200	537,900	562,600	543,901

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.14 - Evolução da Área de Cana-de-Açúcar para a Indústria no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	2,500	2,000	2,130	2,210	2,150	1,600	1,880	1,877
Vale do Paraíba	2,500	3,500	1,750	2,583	2,410	2,700	2,600	2,480
Sorocaba	50,000	54,400	60,000	54,800	83,000	91,000	97,700	90,567
Campinas	300,000	253,900	281,700	278,533	335,600	355,250	390,800	360,550
Ribeirão Preto	256,500	300,000	352,000	302,833	532,200	581,300	631,400	581,633
Bauru	100,000	104,300	135,100	113,133	187,800	239,200	216,350	214,450
S.J. do Rio Preto	20,000	28,100	36,500	28,200	78,300	98,900	109,200	95,467
Araçatuba	11,000	9,200	9,300	9,833	32,000	46,200	83,290	53,830
Pres. Prudente	2,500	8,300	8,120	6,307	38,000	54,300	61,610	51,303
Marília	45,000	38,300	45,400	42,900	88,300	124,500	138,670	117,157
Estado	790,000	802,000	932,000	841,333	1.379,760	1.594,950	1.733,500	1.569,314

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83

ANEXO II

Dados Referentes à População Estimada por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1975 e 1982

QUADRO A.II.1 - População Estimada por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1975 e 1982 <sup>(1)</sup>

DIRA	1975	1982
Grande São Paulo	10.049.390	13.606.459
Litoral	1.007.020	1.316.900
Vale	938.507	1.209.007
Sorocaba	1.267.601	1.551.089
Campinas	2.584.307	3.486.446
Ribeirão Preto	1.584.273	1.874.267
Bauru	600.633	690.695
S.J. do Rio Preto	964.528	1.013.079
Araçatuba	531.343	528.534
Presidente Prudente	702.522	687.434
Marília	690.135	701.468
Total	20.920.259	26.665.370

<sup>(1)</sup> Estimativa em 1º de julho de cada ano elaborada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos (SEADE).

QUADRO A.II.2 - Correção da População para as DIRAs cuja Distribuição dos Municípios não corresponde às Divisões Regionais Administrativas, Estado de São Paulo, 1975 e 1982

DIRA	1975	1982
Grande São Paulo	10.031.681	13.582.403
Campinas	2.602.016	3.510.494
S.J. do Rio Preto	959.997	1.008.345
Araçatuba	535.874	533.268

**SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO  
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA**

**Comissão Editorial:**

**Coordenador:** José Roberto Viana de Camargo

**Membros:** Antônio Augusto Botelho Junqueira

Celuta Moreira Cesar Machado

Elcio Umberto Gatti

Flavio Condé de Carvalho

José Luis Teixeira Marques Vieira

Rosa Maria Pescarin Pellegrini

**Bibliografia:** Fátima Maria Martins Saldanha Faria



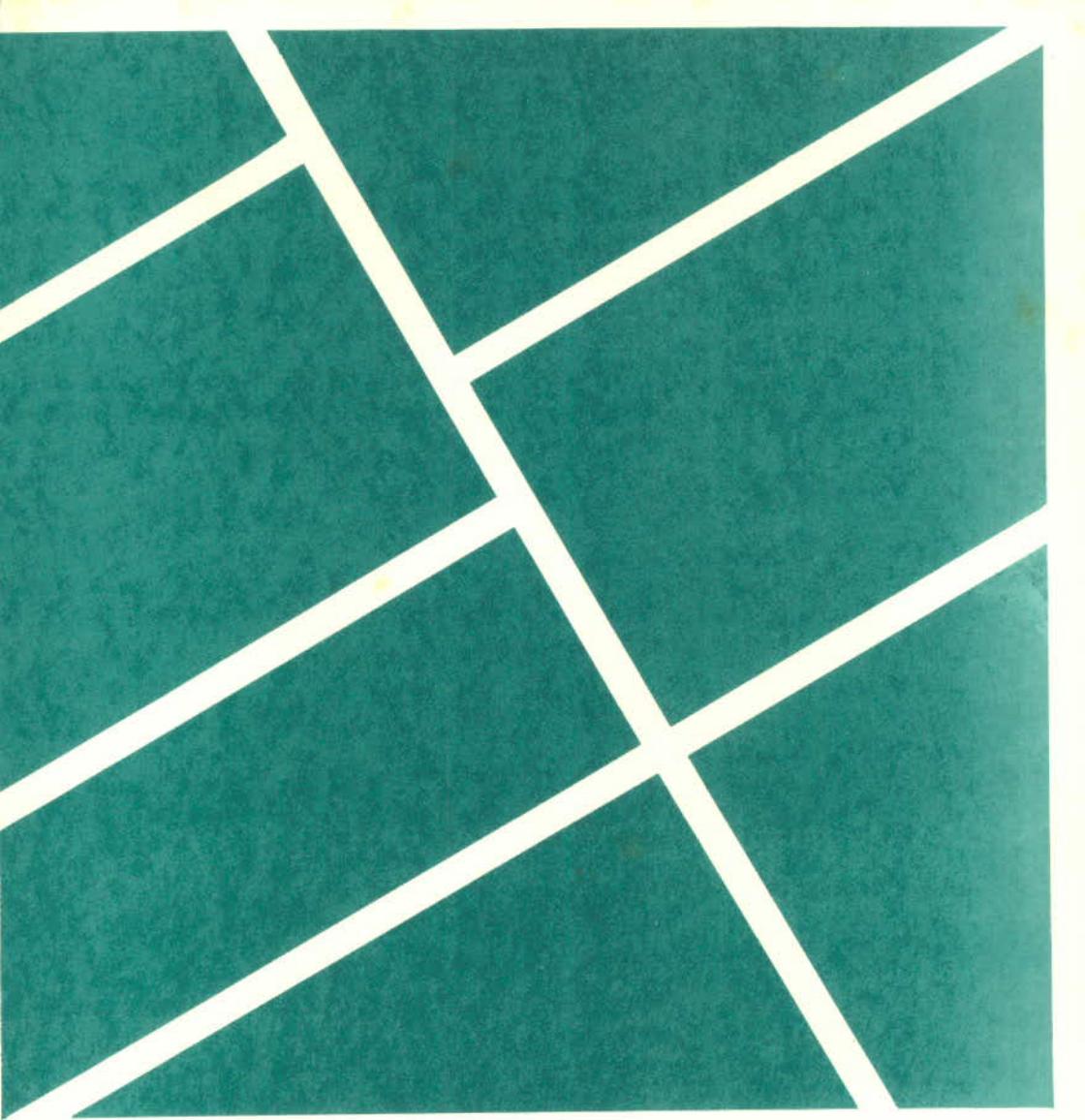
Impresso no Setor Gráfico do IEA  
Av. Miguel Stefano, 3900 – 04301, São Paulo, SP



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Agricultura e Abastecimento  
Coordenadoria Sócio-Econômica

Instituto de Economia Agrícola

Relatório de Pesquisa  
Nº 7/85



**DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL  
NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83**

José Luiz Teixeira M. Vieira  
Sylvia Regina Hellmeister  
Yuly Ivete M. de Toledo  
Antonio Adriano F. Campos

**Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Agricultura e Abastecimento  
Coordenadoria Sócio-Econômica**

**Instituto de Economia Agrícola**



**DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL  
NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83**

José Luiz Teixeira M. Vieira  
Sylvia Regina Hellmeister  
Yuly Ivete M. de Toledo  
Antonio Adriano F. Campos

## ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - MATERIAL E MÉTODO.....	3
2.1 - Dados de Produção.....	3
2.2 - Dados de Consumo.....	4
3 - EVOLUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83.....	5
3.1 - Visão Geral da Produção Agrícola.....	5
3.2 - Análise do Setor Agrícola no Estado por Produto.....	9
3.2.1 - Produtos de origem animal.....	9
3.2.2 - Produtos de origem vegetal.....	21
4 - DISPONIBILIDADE DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESTADO A NÍVEL REGIONAL.....	49
5 - CONCLUSÕES.....	53
6 - RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICA: PROPOSTA DE MEDIDAS DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO DE ALIMENTOS.....	54
6.1 - Recomendações de Política Global.....	55
6.2 - Medidas de Política Agrícola.....	56
LITERATURA CITADA.....	58
RESUMO.....	59
ANEXOS.....	61

José Luiz Teixeira M. Vieira

Sylvia Regina Hellmeister

Yuly Ivete M. de Toledo

Antonio Adriano F. Campos <sup>(2)</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

Diversos estudos a respeito da questão alimentar e nutricional a nível populacional no Brasil (1, 2) apontam no sentido de mostrar que a desnutrição é, essencialmente, um problema de insuficiência na quantidade consumida de alimentos, portanto, estreitamente vinculado à disponibilidade e preços dos produtos alimentares e ao poder aquisitivo da população. Este conjunto de fatores afeta particularmente as famílias de baixa renda, na medida em que o custo da alimentação tem uma participação muito grande em seus orçamentos.

A disponibilidade de alimentos depende diretamente do nível de produção e das restrições sob as quais transcorre o ciclo produtivo - que

---

(<sup>1</sup>) Versão preliminar deste trabalho foi apresentada no VII Simpósio Brasileiro de Alimentação e Nutrição (SIBAN), realizado de 7 a 9 de maio de 1984, em Niterói - RJ.

(<sup>2</sup>) Economista da extinta Coordenadoria de Orientação e Defesa do Consumidor (CODECON).

se refletem diretamente na qualidade e aproveitamento do produto - bem como das condições em que se dá a distribuição da produção, já no âmbito da comercialização do produto. Essas condições são formadas, em primeira instância, pelo padrão em que se dá o desenvolvimento capitalista do País e, assim, pelas características estruturais do próprio setor agrícola, bem como pelos rumos da política econômica ao longo do tempo, cujo tratamento em detalhe foge aos objetivos deste estudo.

É objetivo do presente trabalho a caracterização da produção agrícola e do consumo humano no Estado de São Paulo, a nível de cada Divisão Regional Agrícola (DIRA), possibilitando a estimativa da disponibilidade alimentar por região e para o Estado como um todo, ao longo do período 1974-83. Essa análise permitirá avaliar o potencial de cada região para atender às necessidades de consumo locais, bem como identificar a tendência a nível das regiões e do Estado, da evolução de área de cada produto e, portanto, da composição da agricultura. Tal estudo fornecerá, dessa forma, subsídios para o planejamento e reorientação de programas públicos de abastecimento no Estado, bem como dos atuais programas de suplementação alimentar mantidos no Estado de São Paulo pelas Secretarias de Estado da Saúde, Educação e Promoção Social e pelo Ministério da Saúde, a fim de adequá-los à disponibilidade regional de produtos e aos hábitos alimentares da população, conforme recomendação dos técnicos da área e dos mais recentes Congressos e Simpósios de Nutrição.

Assim, o capítulo 2 apresenta uma rápida descrição dos dados utilizados e da metodologia empregada; o capítulo 3 mostra a situação atual da agricultura no Estado, em termos agregados e a nível de cada produto e sua evolução ao longo do tempo; o capítulo 4 incorpora no estudo a evolução do consumo humano, através da análise da disponibilidade dos diversos produtos agropecuários (balanço de produção e consumo) a nível regional no Estado; o

capítulo 5 apresenta as principais conclusões do estudo e, finalmente, o capítulo 6 fornece algumas sugestões de política com base nos resultados do trabalho.

## 2 - MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo resulta, basicamente, da análise de dados secundários de produção agropecuária e de consumo, regionalizados por Divisão Regional Agrícola (DIRA). Os dados abrangem um período de dez anos - de 1974 a 1983 - dentro do qual foram feitos dois "cortes", o primeiro centrado no ano de 1975 e o segundo em 1982, os quais foram os anos tomados como base de comparação. Esses dados, sempre que se fez necessário, foram complementados com informações colhidas junto aos técnicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), analistas de mercado dos diversos produtos agropecuários.

### 2.1 - Dados de Produção

As informações referentes à produção agropecuária (quantidade produzida e área ocupada) derivam de dois tipos de levantamento, abrangendo o Estado de São Paulo, realizados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) / Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI). O primeiro trata-se de uma pesquisa de campo (pesquisa "objetiva"), cuja amostra é representativa a nível de cada uma das DIRAs do Estado. O outro levantamento, denominado "subjetivo", apresenta informações a nível de município e é realizado pelos

técnicos da Casa da Agricultura local.

Os dados elaborados estão disponíveis nos boletins "Previsão e Estimativas de Safras Agrícolas do Estado de São Paulo", publicados pelo IEA, e originam-se, basicamente, dos levantamentos objetivos, mas são complementados pelos dados da pesquisa subjetiva, que servem, inclusive para "checar" a precisão e coerência das primeiras informações. Os detalhes metodológicos sobre o tratamento estatístico da pesquisa objetiva encontram-se em CAMPOS & PIVA (2).

## 2.2 - Dados de Consumo

Os dados de consumo foram estimados a nível de cada DIRA para os anos de 1975 e 1982. A estimativa baseou-se em informações não publicadas de consumo per capita - por produto e por região do Estado - coletadas pela Fundação Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), para o Estudo Nacional da Despesa Familiar (ENDEF), realizado em 1974/75, e que, multiplicado pela população total de cada DIRA em 1975 e 1982, forneceu o consumo total por região e para o Estado.

Os dados de população para os dois anos foram estimados pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), para cada Divisão Regional Administrativa (DRA), que praticamente corresponde à regionalização em termos de agricultura por DIRAs, exceto por dois municípios - Francisco Morato e Nova Luzitânia. O primeiro pertence à DRA da Grande São Paulo e à DIRA de Campinas; o segundo, que faz parte da DIRA de Araçatuba, pertence à DRA de São José do Rio Preto. Uma vez que a base de análise adotada neste trabalho é a DIRA e não a DRA, ajustou-se a população das quatro DIRAs em questão a

partir da população das respectivas DRAs e pela dedução ou adição - conforme o caso - da população dos dois municípios à população das DIRAs (Anexo II).

Assim, as estimativas obtidas para 1975 devem representar com razoável precisão o consumo humano por região do Estado naquele ano. Para 1982, entretanto, não se dispunha de dados regionalizados de consumo, assim como para nenhum outro ano da presente década. Por este motivo, para este último ano, corrigiram-se os dados do ENDEF de 1974/75 pela taxa de crescimento da população.

Deve-se à existência dos dados de consumo do ENDEF - únicos em sua abrangência - a tomada do ano de 1975 como o marco inicial da análise. O ano de 1982 foi escolhido por ser o ano central do último triênio para o qual os dados eram disponíveis.

Nos quadros comparativos de produção e consumo, trabalha-se com mēdias anuais de três anos agrícolas consecutivos 1973/74 a 1975/76 e 1980/81 a 1982/83 para a produção - a fim de diluir possíveis efeitos de flutuações aleatórias para um determinado ano agrícola - e com dados dos anos civis de 1975 e 1982 para o consumo.

### 3 - EVOLUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83

#### 3.1 - Visão Geral da Produção Agrícola

Historicamente o setor agrícola no Brasil tem estado sujeito a duas pressões principais: fornecer alimentos suficientes a baixo custo à po

pulação urbana e, simultaneamente, via exportações, prover o País das divisas necessárias ao financiamento das importações de matérias-primas, equipamentos e componentes, e das despesas relacionadas com a dívida externa. Mais recentemente, a partir da década de 70, foi estabelecida para a Agricultura uma nova meta - ainda relacionada com o agravamento do setor externo da economia - ou seja, a de fornecer matéria-prima para produção de energia em níveis significativos. Os diversos fatores próprios do funcionamento dos mercados agrícolas, atuando juntamente com as políticas econômicas postas em prática ao longo do tempo, acabaram por gerar uma segmentação no setor agrícola do País, de tal forma que os vários subsetores têm apresentado características técnicas e ritmos de mudança da produção e da produtividade nitidamente diferenciados entre si.

Os produtos agrícolas de exportação e/ou comandados externamente sempre se beneficiaram de uma série de mecanismos que, grosso modo, se complementaram e se compensaram mutuamente ao longo do tempo, uns neutralizando os efeitos negativos dos outros, tais como: evolução da demanda e das cotações internacionais, aliada a uma atuação governamental agressiva no sentido da ampliação de mercados e à política cambial posta em prática nas últimas décadas, além do privilegiamento dado pelos órgãos oficiais de pesquisa agrícola a esses produtos (9), quanto ao desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias e variedades. Não bastasse isso, alguns produtos específicos - café, cana-de-açúcar, por exemplo - contaram em diferentes momentos com programas vigorosos de estímulo e defesa da atividade. Em consequência, como afirma HOMEM DE MELO (5) ... "mesmo com condições variáveis de preços internacionais e da própria política cambial interna, o País tem sido capaz de se apresentar competitivamente no mercado internacional de produtos agrícolas" ...

Ao contrário dos produtos orientados pelo ou para o mercado internacional, os produtos de mercado interno, principalmente os de alimentação, não tendo a seu favor aqueles mecanismos relacionados com o mercado externo já apontados, nunca puderam contar, também, com programas e instrumentos governamentais de apoio consistentes e duradouros, a não ser recentemente, nos primeiros anos desta década, quando foi esboçado um conjunto de medidas efetivas (preços mínimos mais remuneradores, VBC e PROAGRO) e com certa coerência entre si. Tais medidas, ainda que não privilegiadoras dos produtos destinados ao mercado interno e a despeito do grau de imperfeição ainda presente nelas, constituíram-se nos primeiros anos desta década no suporte necessário à garantia e continuidade da atividade agrícola (3).

Como resultado desse quadro, a produção de alimentos tem-se expandido, em geral, a ritmo insuficiente nas últimas décadas no Brasil, gerando periódicas crises de abastecimento e constituindo-se de modo persistente numa das principais fontes de crescimento da inflação. O comportamento da produção no Estado de São Paulo ilustra bem essa situação. As taxas de crescimento dos principais produtos na década 1974/83 permitem verificar o que ocorreu com os diferentes produtos de origem vegetal e animal (quadro 1).

Como se observa, as taxas geométricas de crescimento calculadas para os produtos de mercado externo, com exceção do café, são bastante superiores às dos produtos de mercado interno. Somente o feijão apresentou grande crescimento de área e produção, o que ocorreu já na década atual, devido a privilegiamento dado a essa cultura dentro dos instrumentos já citados e postos em prática pelo Governo a partir de 1980. Anteriormente, a produção de

---

(3) A partir do segundo semestre de 1983, entretanto, todo o esquema oficial de apoio à atividade agrícola no País vem apresentando retrocessos, em função das restrições da política econômica global.

QUADRO 1. - Taxas Geométricas de Crescimento da Produção e da Área de Produtos Agropecuários, Estado de São Paulo, 1974-83

(em porcentagem)

Produto	Período 1974-83		Média anual	
	Produção	Área	Produção	Área
<b>Origem Vegetal</b>				
<b>-Mercado Externo</b>				
Café	20	13	2,6	1,8
Soja	71	38	8,0	4,7
Laranja	110	40	11,2	4,9
Cana-de-açúcar	136	87	13,1	9,4
<b>-Mercado Interno</b>				
Arroz	- 23	- 40	- 3,0	- 4,9
Feijão	200	128	17,0	12,5
Trigo	29	3	3,7	0,4
Batata	32	- 5	4,0	- 0,7
Mandioca	- 3	- 16	- 0,4	- 2,1
Milho	28	15	3,6	2,0
Banana	21	60	2,8	6,9
Tomate	31	- 18	3,9	- 2,4
Cebola	45	10	5,5	1,4
<b>Origem Animal</b>				
Carne bovina	- 8	-	- 1,1	-
Leite	13	-	1,8	-
Carne suína	19	-	2,5	-
Carne de aves	159	-	21,2	-
Ovos	27	-	3,5	-

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

feijão apresentava-se em franco declínio no País, com taxa negativa de crescimento (-1,9%) entre 1970 e 1979, segundo HOMEM DE MELO (3). Em resumo, houve portanto uma expansão mais rápida dos produtos de mercado externo que os de mercado interno na década aqui analisada, implicando uma provável tomada de área por parte do primeiro grupo de produtos em detrimento do segundo, dadas as restrições de área agricultável disponível no Estado de São Paulo.

Quanto aos produtos de origem animal, tradicionalmente voltados para o abastecimento interno, nota-se que houve crescimento insatisfatório de produção para quase todos, sendo que a carne bovina apresentou declínio no período. Somente a produção de carne de aves mostrou acentuado aumento no período, fruto da expansão do consumo interno e da rápida expansão do mercado internacional para esse produto.

Para que se tenha uma visão mais detalhada da evolução da produção agropecuária no Estado de São Paulo faz-se, a seguir, breve análise do comportamento de cada cultura no período 1974/83, por DIRA.

### 3.2 - Análise do Setor Agrícola no Estado por Produto

#### 3.2.1 - Produtos de origem animal

##### - Pecuária

A importância da carne bovina no consumo total de carnes e sua

substituição parcial por aves, suínos, ovos e pescado, quando se verificam altas em seus preços, fazem com que haja uma interdependência entre esses alimentos. Por outro lado, o sistema de produção empregado na pecuária de corte, utilizando mais comumente animais não especializados, permitindo a venda de leite, como atividade paralela, faz com que também o leite torne-se dependente de fatores que afetam a produção de carne bovina.

Por inexistirem dados sobre oferta de pescado de forma regionalizada para o Estado de São Paulo, não será enfocado esse produto neste capítulo sobre a produção do Estado de São Paulo.

#### a) pecuária de corte

A pecuária de corte encontra-se distribuída em todas as Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs), do Estado, com diferenças conforme a finalidade: cria, recria e engorda.

A produção concentra-se principalmente nas regiões de Araçatuba e Presidente Prudente, que se dedicam especialmente à engorda de animais provenientes de outros Estados.

Nas regiões de São José do Rio Preto, responsável por cerca de 16% do rebanho, Bauru, Marília e Sorocaba, que juntas perfazem 43% do rebanho, a pecuária é mista, produzindo leite e carne, com atividade de cria e recria.

A oferta de carne bovina é caracterizada pelo chamado ciclo de preços da pecuária, em decorrência da natureza seqüencial de sua produção. O ciclo pode ser descrito da seguinte maneira: a queda na cotação do boi gordo desestimula a demanda pelas categorias intermediárias - boi magro, garrote, bezerro - e finalmente das matrizes reprodutoras, resultando no

envio até de matrizes para abate. A redução na capacidade de reprodução vai ser sentida de três a quatro anos depois, dentro do sistema de produção geralmente empregado no País, sob a forma de retração na disponibilidade de boi gordo e início da ascensão de preços. A recuperação da oferta equivale à duração do ciclo pecuário, que demora, no Brasil, em média, de seis a sete anos.

Além desse fato, a descapitalização do rebanho, com elevado abate de fêmeas a partir de 1981, a retração na demanda de carnes, aliada à baixa produtividade do rebanho, modificações na distribuição do uso da terra, frente a outras atividades agrícolas de melhor rentabilidade (por exemplo, cana) podem explicar a retração na oferta geral de carne bovina do Estado, no período 1981-83. Especificamente, maiores reduções foram encontradas na região de Bauru, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e Vale do Paraíba (quadro 2).

O Estado de São Paulo não é auto-suficiente em carne bovina, "in natura" pois grande parte da produção destina-se à industrialização. Internamente, algumas regiões se destacam como exportadoras - Araçatuba, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Bauru e Marília.

A fase atual de ascensão dos preços deverá prevalecer até 1985, como resposta aos baixos preços ocorridos em 1980 e dentro do sistema de produção empregado.

#### b) pecuária leiteira

O rebanho destinado à produção leiteira encontra-se distribuído por todo o Estado, na seguinte proporção: 2% em São Paulo, 9% no Vale do Paraíba, 9% em Sorocaba, 10% em Campinas, 19% em Ribeirão Preto, 3% em

QUADRO 2. - Produção e Consumo de Carne Bovina, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 e 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	7.141	7.988	188.567	254.515	3,8	3,1	46,8
Vale do Paraíba	13.015	10.657	7.997	10.301	162,7	103,5	23,3
Sorocaba	29.541	31.692	14.446	17.676	204,5	179,3	31,2
Campinas	15.781	20.816	34.450	46.447	45,8	44,8	36,3
Ribeirão Preto	41.931	40.353	20.902	24.727	200,6	163,2	36,1
Bauru	35.453	26.199	7.254	8.341	488,7	314,1	33,1
S.J. do Rio Preto	89.332	70.757	12.601	13.236	708,9	534,6	35,9
Araçatuba	107.576	110.576	7.654	7.617	1.405,5	1.451,7	39,1
Pres. Prudente	115.990	96.524	9.889	9.676	1.172,9	997,6	38,6
Marília	27.168	28.668	5.778	5.872	470,2	488,2	22,9
Estado	482.928	444.230	309.537	398.438	156,0	111,5	40,9

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

Brasi

Bauru, 25% em São José do Rio Preto, 6% em Araçatuba, 12% em Presidente Prudente e 5% em Marília, segundo dados do IEA para 1981. A produção leiteira encontra-se mais caracterizada, no entanto, nas regiões do Vale do Paraíba, Campinas e Ribeirão Preto, onde há maior utilização de animais de raças especializadas, melhor controle sanitário e manejo mais cuidadoso, como exige a produção de leite B (quadro 3).

O controle de preços exercido sobre o leite, objetivando reduzir a taxa inflacionária, tem sido o principal obstáculo à expansão da produção. Por outro lado, "crises" de excedentes na oferta, derivam de resposta a estímulos de preços praticamente a curto prazo, com a penetração no mercado de leite oriundo da pecuária de corte. Assim, quando a relação de preços carne/leite é desfavorável à carne, os pecuaristas passam a colocar a venda o leite anteriormente destinado a bezerros.

A produção de leite B se expandiu a partir de 1972, graças ao hiato no abastecimento de leite C, e ainda por ser produto livre de controle de preços, salvo em 1980, quando, frente a excedentes de leite e derivados, passou a ser, por algum tempo, controlado pela Secretaria Especial de Abastecimento e Preços (SEAP).

Nos últimos meses, como reflexo da conjuntura econômica, e à semelhança dos demais produtos animais, tem-se verificado retração na demanda principalmente de leite B e derivados, o que tem desestimulado a atividade leiteira como um todo. A incidência de ICM sobre o leite tipo C elevou sobre maneira o preço do produto a nível de varejo, impossibilitando o repasse da alta nos custos de produção, frente a uma retração na demanda <sup>(4)</sup>.

---

(4) A partir de 01/06/84 foi extinto o ICM sobre o leite B no Estado de São Paulo.

QUADRO 3. - Produção e Consumo de Leite Fluido, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 e 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982			
	(a)	(b)	(c)	(d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
Sao Paulo	69.610	77.879	518.805	700.249	13,4	11,1	128,8
Vale do Paraíba	208.413	211.687	41.998	54.103	496,2	391,3	122,6
Sorocaba	138.612	170.014	54.683	66.912	253,5	254,1	118,2
Campinas	213.783	231.710	141.755	191.247	150,8	121,2	149,3
Ribeirão Preto	292.043	347.777	73.281	86.694	398,5	401,2	126,7
Bauru	66.340	83.282	26.119	30.035	254,0	277,3	119,1
S.J. do Rio Preto	252.450	312.343	57.756	60.664	437,1	514,9	164,8
Araçatuba	114.616	141.612	25.125	25.002	456,2	566,4	128,5
Pres. Prudente	134.907	107.045	31.106	30.438	433,7	351,7	121,3
Marília	73.472	92.087	23.598	23.958	311,3	384,4	93,7
Estado	1.564.246	1.775.454	994.226	1.269.302	157,3	139,9	130,4

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

No balanço de oferta e demanda em 1983, observou-se que esse produto, ainda que tenha apresentado leve crescimento da produção em relação a 1974, permanece em déficit no abastecimento estadual, quando se observa o efetivamente destinado à pasteurização. Não foi possível detectar, a nível de região, quanto da produção se destina a fins industriais (queijo, yogurtes, leite em pó, etc.), mas tem-se verificado nos últimos anos que há um déficit de 10% para atender à demanda estadual, de acordo com os dados do Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal - Ministério da Agricultura (SIPA - MA).

Os principais problemas relacionados com a oferta do produto são: preço tabelado não cobrindo o custo de produção em São Paulo; não fiscalização da qualidade do leite em todos os segmentos da comercialização; falta de assistência técnica e pesquisa para melhorar o sistema de produção usado nas regiões; e exigências dentro da legislação do leite B que encarecem o produto sem garantir a sua qualidade.

#### - Suinocultura

O rebanho suíno encontra-se distribuído no Estado, com concentração principalmente nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. O quadro 4 mostra a produção regional de carne, o que é indicador da distribuição do rebanho.

Sua oferta, como já dito anteriormente, está fortemente relacionada com a disponibilidade de carnes no mercado.

No entanto, o sistema de criação, utilizando basicamente o milho na alimentação, torna-o dependente deste grão, com a oferta podendo variar conforme a relação porco/milho.

QUADRO 4. - Produção e Consumo de Carne Suína, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo(%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	4.427	14.804	29.458	39.759	15,0	37,2	7,3
Vale do Paraíba	2.865	1.664	3.474	4.474	82,5	37,2	10,1
Sorocaba	8.774	17.688	6.136	7.508	143,0	235,6	13,3
Campinas	7.444	10.896	11.082	14.976	67,2	72,8	11,7
Ribeirão Preto	11.309	11.314	6.947	8.218	162,8	137,7	12,0
Bauru	3.378	3.454	2.036	2.341	165,9	147,5	9,3
S.J. do Rio Preto	12.412	7.117	5.782	6.073	214,7	117,2	16,5
Araçatuba	5.470	4.409	1.603	1.595	341,2	276,4	8,2
Pres. Prudente	3.410	3.132	2.641	2.584	129,1	121,2	10,3
Marília	7.945	6.039	2.002	2.035	396,9	296,8	8,0
Estado	67.434	80.517	71.161	89.381	94,8	90,1	9,2

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

Dada a menor duração do ciclo de produção, a atividade pode se beneficiar de períodos em que a oferta de bovinos é declinante dentro do ciclo pecuário e ainda na entressafra anual de bovinos (2º semestre).

Tem-se notado, nos últimos anos, aumento na oferta de reprodutores mais especializados, melhoria no manejo e uma crescente orientação da produção para o mercado, tornando a suinocultura uma atividade mais empresarial, no entanto, ainda, fortemente dependente do ciclo pecuário e da política de preços adotada para o milho e soja, insumos básicos na alimentação animal.

Com relação ao abastecimento à população, tem-se que a produção de suínos elevou-se apenas 19% no período 1974-1983, não acompanhando, portanto, o crescimento da demanda e piorando a situação de dependência do Estado de São Paulo de importações de carne suína (quadro 4).

As regiões de São José do Rio Preto, Araçatuba e Marília apresentaram redução em sua oferta, ainda que continuem a ser auto-suficientes.

O principal problema desta atividade é o baixíssimo consumo de carne suína pela população (9g/dia), dificultando a expansão da produção, bem como a dependência do milho que torna a suinocultura vulnerável à política adotada para o grão.

## - Avicultura

### a) aves

A atividade de avicultura de corte concentra-se principalmente nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba e São Paulo, responsáveis por 79% da produção (quadro 5).

QUADRO 5. - Produção e Consumo de Carne de Aves, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	18.458	36.162	106.153	143.276	17,4	25,2	26,3
Vale do Paraíba	6.815	18.279	7.385	9.514	92,3	192,1	21,6
Sorocaba	8.318	26.801	12.193	14.919	68,2	179,6	26,4
Campinas	45.486	97.767	22.570	30.450	201,5	321,1	23,8
Ribeirão Preto	28.181	83.744	11.654	13.794	241,8	607,1	20,2
Bauru	3.848	25.359	4.073	4.683	94,5	541,5	18,6
S.J. do Rio Preto	2.074	9.845	6.920	7.268	30,0	135,5	19,7
Araçatuba	2.731	3.961	4.760	4.736	57,4	83,6	24,3
Pres. Prudente	2.585	5.799	4.840	4.735	53,4	122,5	18,9
Marília	2.280	5.688	4.481	4.656	49,8	122,2	18,2
Estado	120.796	313.405	185.129	238.031	65,2	131,7	24,5

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

O rebanho de aves para corte expandiu-se extraordinariamente nos últimos anos, graças à pequena duração do ciclo produtivo (56 dias), permitindo maior rapidez no retorno ao investimento, menor custo de produção/kg de carne e expansão da demanda por sua carne, tanto a nível de consumo interno como de incentivo à exportação.

A produção estadual de carne de aves cresceu 159% de 1974 a 1983. Sabe-se que seu consumo deve também ter aumentado, graças a uma favorável posição frente à carne bovina, no que diz respeito a preços. O crescimento da produção foi verificado em todas as regiões do Estado e só em Araçatuba e São Paulo a oferta ficou bem aquém da demanda regional (quadro 5).

Devido às características técnicas alcançadas que resultaram em redução no ciclo da produção (em torno de 7 a 8 semanas, atualmente), a atividade pode rapidamente responder a estímulos de preços, desde que não enfrente problemas no abastecimento de milho e soja, dada sua forte dependência destes grãos componentes da ração. Seu principal entrave atualmente é a recessão econômica, com o aumento do desemprego e queda no poder aquisitivo das classes baixa e média, que está levando à retração no consumo.

#### b) ovos

A produção de ovos concentra-se principalmente nas regiões de Marília, São Paulo, Campinas e Araçatuba (72% da produção), embora encontre-se em menor porcentagem em todas as regiões do Estado (quadro 6).

Mais estável do que a produção de frangos, a produção de ovos encontra-se especializada em determinados municípios do Estado, como Bastos, Moji das Cruzes, Echaporã e Guararapes.

Um dos fatores principais para sua estabilidade é a demora do

QUADRO 6. - Produção e Consumo de Ovos, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	96.336	97.485	74.098	100.009	130,0	97,5	18,4
Vale do Paraíba	12.432	24.678	4.275	5.507	290,8	448,1	12,5
Sorocaba	14.258	24.639	7.693	9.414	185,3	261,7	16,6
Campinas	32.068	39.931	16.744	22.589	191,5	176,8	17,6
Ribeirão Preto	17.593	15.581	9.405	11.127	187,1	140,0	16,3
Bauru	22.240	20.991	3.222	3.704	690,3	566,7	14,7
S.J. do Rio Preto	11.532	13.640	5.799	6.091	198,9	223,9	16,6
Araçatuba	36.598	63.776	2.811	2.797	1.301,1	2.280,2	14,4
Pres. Prudente	25.829	37.695	3.444	3.369	750,0	1.118,9	13,4
Marília	58.302	94.392	3.146	3.198	1.853,2	2.951,6	12,5
Estado	327.188	432.808	130.637	167.805	250,5	257,9	17,2

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

ciclo produtivo, com retornos mais a longo prazo e menor variação da produção em função da variação no preço.

Em termos de abastecimento, a oferta interna suplanta a demanda em praticamente todo o Estado. Destacam-se as regiões de Marília, Araçatuba e Presidente Prudente, onde a produção mais do que decuplica a demanda regional. É o produto animal que possui excedentes no abastecimento. Uma vez que sua produção já tem características industriais, com altos índices de desempenho, as dificuldades que enfrenta derivam, principalmente, da sua dependência de grãos para rações, com sua lucratividade, sendo influenciada pela situação do abastecimento de soja e milho.

### 3.2.2 - Produtos de origem vegetal

#### - Produtos de mercado interno

##### a) Arroz

Historicamente o arroz vem perdendo terreno na agricultura paulista. Embora trate-se de produto básico da alimentação, seu cultivo, apesar da distribuição ampla pelo Estado, mantém em grande proporção a característica de exploração de subsistência sem pretensões comerciais.

A evolução da população e da necessidade de consumo não teve equivalência no crescimento do produto. Para um consumo estimado no Estado de 1,3/1,4 milhão de toneladas/ano no início da presente década, obteve-se uma produção média de arroz beneficiado de cerca de 335 mil toneladas

das, representando somente 25% das necessidades.

A predominância do cultivo de sequeiro (cerca de 90% da produção total) no Estado torna a exploração extremamente dependente e suscetível às condições climáticas que, quando caracterizadas por períodos de poucas chuvas, na época de granação da cultura, promovem perdas extensas. Aliado ao risco tem-se uma produtividade no geral baixa, com reflexos diretos nos retornos financeiros, além da concorrência de outras culturas como a soja, milho, etc., com melhores e maiores perspectivas comerciais.

Têm-se, no entanto, regiões como a DIRA de São José do Rio Preto, que nos primeiros anos da década de 1980 contribuiu com 23% da produção do Estado, onde existem cultivos com interesses comerciais. Ribeirão Preto, Campinas e Sorocaba são outras DIRAs que somadas participam com 44,5% da produção média da década. No geral, entretanto, a presença do produtor na comercialização é apenas esporádica, nas oportunidades em que os excedentes ocorrem (quadros 7 e A.I.1).

#### b) Feijão

O feijão, por ser também cultura de subsistência, é produzido em todo o Estado, achando-se porém concentrada na DIRA de Sorocaba, onde se desenvolve como atividade comercial, que nos primeiros anos da presente década participava com algo em torno de 62% da área e do volume produzido do Estado (quadros 8 e A.I.2).

No período 1974-1983, esse produto teve uma expansão tanto de área (128%) como de produtividade, resultando em aumento de 200% na produção.

QUADRO 7. - Produção e Consumo de Arroz Beneficiado <sup>(1)</sup>, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	7.200	7.290	444.349	599.637	1,6	1,2	110,3
Vale do Paraíba	22.712	31.484	45.183	58.206	50,3	54,1	131,9
Sorocaba	62.832	46.580	60.703	74.279	103,5	62,7	131,2
Campinas	42.976	42.092	147.874	199.503	29,1	21,1	155,7
Ribeirão Preto	85.952	62.424	116.751	138.121	73,6	45,2	201,9
Bauru	10.880	10.526	43.452	49.967	25,0	21,1	198,2
S.J. do Rio Preto	106.488	78.336	81.853	85.976	130,1	91,1	233,6
Araçatuba	31.824	24.575	39.745	39.551	80,1	62,1	203,2
Pres. Prudente	22.168	18.110	46.386	45.391	69,3	39,9	180,9
Marília	44.880	20.740	48.163	48.954	93,2	42,4	191,2
Estado	437.912	342.157	1.074.459	1.339.585	40,8	25,5	140,7

<sup>(1)</sup> Arroz beneficiado equivale, em média, a 68% de arroz em casca, em termos de peso.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

QUADRO 8. - Produção e Consumo de Feijão, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	
	(a)	(b)	(c)	(d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	7.160	8.400	181.906	245.805	3,9	3,4	45,2
Vale do Paraíba	3.560	9.240	20.964	27.007	17,0	34,2	61,2
Sorocaba	86.510	238.840	33.451	40.932	258,6	583,5	72,3
Campinas	8.720	25.260	54.610	73.676	16,0	34,3	57,5
Ribeirão Preto	1.900	24.740	29.491	34.889	6,4	70,9	51,0
Bauru	1.280	6.200	12.408	14.269	10,3	43,5	56,6
S.J. do Rio Preto	2.120	18.020	18.746	19.690	11,3	91,5	53,5
Araçatuba	900	12.580	10.699	10.647	8,4	118,2	54,7
Pres. Prudente	6.460	19.540	15.770	15.431	41,0	126,6	61,5
Marília	8.080	17.800	15.340	15.593	52,7	114,2	60,9
Estado	126.780	380.620	393.385	497.939	32,2	76,4	49,8

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

O processo de concentração dessa cultura na região agrícola de Sorocaba começou em fins da década de 60 e se deu em função de condições de solo, clima e preço da terra favoráveis, aliadas à atuação intensiva de órgãos de assistência técnica oficiais. Até esse momento, a cultura se encontrava bem melhor distribuída pelo Estado - em grande parte desenvolvida de maneira intercalada com o café - apresentando, portanto, redução de área plantada a partir do final da década de 60, acompanhando a retração da atividade cafeeira no Estado.

A produtividade persistentemente baixa, que caracterizava a cultura no Estado até fins dos anos 60, passou a crescer na década de 70 devido aos fatores acima apontados, bem como à introdução de sementes de novas variedades (Carioca, principalmente).

O Estado de São Paulo contribuiu, nos últimos três anos agrícolas, com cerca de 16% da produção nacional, com uma produção média de 380 mil toneladas, suprimindo assim cerca de 3/4 do consumo anual estimado para o Estado em 500 mil toneladas.

### c) Trigo

Com exceção de São José do Rio Preto, a cultura do trigo ocorre em todas as outras DIRAs do Estado de São Paulo. A distribuição, entretanto, é extremamente concentrada, sendo que cerca de 85,0% da área e produção ocorrem na DIRA de Marília, onde as condições climáticas favorecem o cultivo soja-trigo, este último considerado como cultura de inverno (quadros 9 e A.I.3).

Na década 1974/1983, houve um incremento de produção de 9,2%, considerando as médias dos triênios levantados, contra 3,2% de expansão

QUADRO 9. - Produção de Trigo, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo <sup>(1)</sup>, 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,160	0,160	0,250	0,190	0,500	0,650	1,050	0,733
Vale do Paraíba	0,030	0,030	0,030	0,030	0,050	-	0,040	0,030
Sorocaba	2,650	10,030	15,900	9,527	7,800	9,500	11,300	9,533
Campinas	0,190	0,070	0,560	0,273	1,350	2,100	7,770	3,740
Ribeirão Preto	-	0,080	0,280	0,120	0,200	1,000	4,250	1,817
Bauru	-	2,000	0,370	0,790	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	0,830	0,277
Araçatuba	-	0,030	0,050	0,027	-	-	-	-
Pres. Prudente	12,440	2,700	10,260	8,467	6,000	8,550	7,270	7,273
Marília	137,630	49,600	133,300	106,843	104,900	135,500	175,000	138,467
Estado	153,100	62,900	161,000	126,267	120,800	157,300	207,510	161,870

(1) Não se dispõe de dados de consumo por região.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

na área, o que significa melhoria no rendimento de 916kg/ha para 1.144kg/ha. Esse fato pode estar diretamente relacionado ao cultivo irrigado da região norte do Estado, precisamente em Guaíra, sub-região da DIRA de Ribeirão Preto, que tem permitido índices de produtividade bastante superiores aos cultivos de sequeiro, chegando mesmo a aproximar-se dos níveis obtidos no Canadá e outros países de expressão na produção do trigo.

O rendimento industrial em termos de farinhas e outros derivados (quadro 10) corresponde, em média, a 78% do total de grão processado em termos de peso, constituindo-se o restante de resíduos. Apesar do elevado índice de aproveitamento do grão, o Estado permanece carente do produto industrializado já que atende somente 12,5% do total de mandado.

#### d) Batata

Na década 1974-83, a produção da batata no Estado cresceu em cerca de 32,0%, considerando as médias dos triênios inicial e final do período. A área, por sua vez, esteve declinante apresentando uma retração em torno de 5,0%, o que significa que em termos de produtividade houve ganhos significativos (quadros 11 e A.I.4).

A DIRA de Sorocaba se destaca sobremaneira na produção estadual, ofertando cerca de 38,0% e 46,0% do total médio produzido no início e fim de período, respectivamente. As DIRAs de São Paulo e Campinas são as outras regiões de destaque, pois tiveram uma participação equivalente a 48,0% e 39,0% do total médio produzido no período.

QUADRO 10. - Produção Estimada de Farinhas e Derivados a partir do Volume Produzido de Trigo, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo (<sup>1</sup>), 1973/74 a 1981/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safr a				Safr a			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,125	0,125	0,195	0,148	0,390	0,507	0,819	0,572
Vale do Paraíba	0,023	0,023	0,023	0,023	0,039	-	0,032	0,024
Sorocaba	2,067	7,823	12,402	7,431	6,084	7,410	8,814	7,436
Campinas	0,148	0,055	0,437	0,213	1,053	1,638	6,061	2,917
Ribeirão Preto	-	0,062	0,218	0,093	0,156	0,780	3,315	1,417
Bauru	-	1,560	0,289	0,616	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	0,647	0,216
Araçatuba	-	0,023	0,039	0,021	-	-	-	-
Pres. Prudente	9,703	2,106	8,003	6,604	4,680	6,669	5,671	5,673
Marília	107,351	38,688	103,974	83,338	81,820	105,690	136,500	108,004
Estado	119,418	49,062	125,580	98,487	94,224	122,694	161,858	126,259

(<sup>1</sup>) Corresponde a aproximadamente 78% da produção de trigo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 11. - Produção e Consumo de Batata, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	106.601	107.600	163.848	221.039	65,1	48,7	40,6
Vale do Paraíba	26.920	39.720	13.942	17.960	193,1	221,2	40,7
Sorocaba	158.240	251.900	21.607	26.439	732,4	952,8	46,7
Campinas	91.100	105.480	40.744	54.969	223,6	191,9	42,9
Ribeirão Preto	13.900	28.120	22.783	26.954	61,0	104,3	39,4
Bauru	3.360	1.560	8.879	10.210	37,8	15,3	40,5
S.J. do Rio Preto	3.560	1.470	10.512	11.041	33,9	13,3	30,0
Araçatuba	-	590	5.593	5.566	-	10,6	28,6
Pres. Prudente	680	1.510	7.385	7.226	9,2	20,9	28,8
Marília	7.800	7.360	8.791	8.936	88,7	82,4	34,9
Estado	412.200	545.580	304.084	390.340	135,6	139,8	39,8

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

#### e) Mandioca

Trata-se de uma raiz cultivada extensivamente no Estado com características de subsistência, em função principalmente da sua participação na dieta alimentar da população.

Cerca de 80% da produção total de mandioca é destinada à industrialização, para obtenção da fécula, amido e, principalmente, farinha. Historicamente, as DIRAs de Marília e Campinas têm participação importante na produção do Estado, contribuindo nos triênios analisados com cerca de 60,0% e 67,0%, respectivamente, do total. Observando-se as médias dos triênios, nota-se que a DIRA de Marília apresentou um incremento substancial na produção, aumentando em 66,0% o total das colheitas. Campinas, por sua vez, mostrou declínio de 37,0% na produção regional. O crescimento da demanda industrial nas sub-regiões de Marília é um dos principais fatores condicionantes dessa evolução (quadros 12, 13 e A.I.5).

#### f) Milho

A produção de milho no Estado acha-se razoavelmente bem distribuída regionalmente, com certa predominância nas DIRAs de Ribeirão Preto, Sorocaba, São José do Rio Preto e Campinas, onde se concentra a suinocultura (quadros 14 e A.I.6).

A área total ocupada com a cultura pouco se expandiu no período (15%), ocorrendo, entretanto, melhoria na produtividade, de tal forma que a produção cresceu 28%. Esse modesto crescimento de área representa apenas uma recuperação parcial da área de milho no início da década de 70 - superior a 1,6 milhão de hectares - e que foi cedendo lugar a outras culturas (cana, soja, etc) no decorrer dos anos 70.

QUADRO 12. - Produção de Mandioca para Indústria, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	45,000	49,500	45,000	46,500	20,700	18,900	19,800	19,800
Vale do Paraíba	31,500	27,000	22,500	27,000	45,000	59,400	28,800	44,400
Sorocaba	45,000	22,500	16,200	27,900	9,000	12,600	16,200	12,600
Campinas	216,000	220,500	247,500	228,000	141,300	147,600	139,500	142,800
Ribeirão Preto	63,000	42,300	33,300	46,200	34,200	29,700	32,400	32,100
Bauru	31,500	19,800	13,500	21,600	15,300	29,700	58,500	34,500
S.J. do Rio Preto	90,000	47,700	36,000	57,900	24,300	18,000	21,600	21,300
Araçatuba	31,500	27,000	24,300	27,600	6,300	5,400	8,100	6,600
Pres. Prudente	49,500	25,200	11,700	28,800	22,500	52,200	78,300	51,000
Marília	297,000	166,500	99,000	187,500	286,200	323,100	325,800	311,700
Estado	900,000	648,000	549,000	699,000	604,800	696,600	729,000	676,800

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 13. - Produção Potencial e Consumo de Farinha de Mandioca, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual <sup>(1)</sup>		Consumo anual (t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	19/4/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	
	(a)	(b)	(c)	(d)			(g/dia)
São Paulo	15.345	6.543	12.354	16.546	124,2	39,5	3,0
Vale do Paraíba	8.910	14.652	891	1.147	1.000,0	1.277,4	2,6
Sorocaba	9.207	4.158	601	736	1.531,9	564,9	1,3
Campinas	75.240	47.124	570	769	13.200,0	6.128,0	0,6
Ribeirão Preto	15.246	10.593	578	684	2.637,8	1.548,7	1,0
Bauru	7.128	11.385	482	555	1.478,8	2.051,4	2,2
S.J. do Rio Preto	19.100	7.029	876	920	2.180,4	764,0	2,5
Araçatuba	9.108	2.178	919	915	991,1	238,0	4,7
Pres. Prudente	9.504	16.830	3.077	3.011	308,9	559,0	12,0
Marília	61.875	102.861	881	896	7.023,3	11.480,0	3,5
Estado	230.663	223.344	21.229	26.179	1.086,5	853,1	2,8

(<sup>1</sup>) Produção de farinhas corresponde a 33% do total da produção de mandioca para indústria, estimada com base no rendimento médio de 1kg de farinha para cada 3kg de mandioca.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

QUADRO 14. - Produção de Milho, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo <sup>(1)</sup>, 1973/74 a 1982/83  
(em mil toneladas)

DIRA	Safr a				Safr a			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	66,000	54,000	60,000	60,000	36,300	91,800	81,000	69,700
Vale do Paraíba	60,000	30,000	30,000	40,000	45,900	45,000	44,800	45,233
Sorocaba	480,000	366,000	498,000	448,000	478,200	580,200	395,900	484,767
Campinas	240,000	210,000	246,000	232,000	366,000	337,800	264,700	322,833
Ribeirão Preto	720,000	564,000	744,000	676,000	607,200	841,800	871,440	773,480
Bauru	164,970	90,000	108,000	120,990	87,300	195,000	158,280	146,860
S.J. do Rio Preto	330,000	324,000	498,000	384,000	364,500	517,800	510,960	464,420
Araçatuba	216,000	162,000	252,000	210,000	297,600	311,400	340,800	316,600
Pres. Prudente	126,000	108,000	114,000	116,000	196,500	202,200	169,020	189,240
Marília	225,030	192,000	201,000	206,010	273,300	269,400	322,200	288,300
Estado	2.628,000	2.100,000	2.520,000	2.416,000	2.752,800	3.392,400	3.159,000	3.101,400

<sup>(1)</sup> Não se dispunha de dados de consumo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

O milho é a segunda grande cultura em área depois da cana, cobrin do no início da presente década algo em torno de 20% da área total ocupada por culturas no Estado, caracterizando-se como atividade comercial, ao contrário do que ocorre de forma geral no País, que ainda é basicamente voltado para o auto-consumo.

São Paulo, que já foi o maior produtor nacional na primeira metade dos anos 60 - atualmente é o 5º - é importador sistemático desse produto de outros Estados, para atender a uma demanda interna de 5,0/5,5 milhões, da qual 85% se destinam ao consumo animal na forma "in natura" ou de rações processadas (suinocultura e avicultura, basicamente), cerca de 12% à indústria (farinhas, amidos, óleos, etc) e o restante ao consumo humano "in natura".

#### g) Banana

Quase 90% da produção e área ocupada de banana em São Paulo concentra-se na região do litoral sul do Estado, que faz parte da DIRA de São Paulo. A área plantada no Estado como um todo cresceu 76% na década analisada, enquanto a produção evoluiu apenas 21%, refletindo uma clara deterioração na produtividade da cultura, devido principalmente ao ineficiente controle de pragas e doenças que vem afetando essa cultura nos últimos anos (quadros 15 e A.I.7).

A banana é, hoje, basicamente um produto de mercado interno, pois o País vem perdendo nos últimos anos posição no comércio internacional, apesar de ser o maior produtor dessa fruta. É de grande importância nutricional, pois constitui-se na principal fruta componente da dieta do brasileiro.

Aproximadamente 60% do total produzido são consumidos internamente "in natura", 15% exportados, cerca de 10% do total é industrializado e o

QUADRO 15. - Produção e Consumo de Banana, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a

1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	478.340	606.060	86.759	117.102	551,3	517,5	21,5
Vale do Paraíba	9.342	2.587	3.516	4.529	265,7	57,1	10,3
Sorocaba	35.086	40.885	9.039	11.060	388,2	369,7	19,5
Campinas	8.802	7.272	14.535	19.609	60,6	37,1	15,3
Ribeirão Preto	8.630	5.947	8.279	9.794	104,2	60,7	14,3
Bauru	4.201	977	3.898	4.482	107,8	21,8	17,8
S.J. do Rio Preto	3.527	1.899	4.623	4.855	76,3	39,1	13,2
Araçatuba	1.317	751	2.829	2.815	46,6	26,7	14,5
Pres. Prudente	1.018	1.627	3.709	3.628	27,4	44,8	14,5
Marília	4.181	2.732	2.857	2.904	146,3	94,1	11,3
Estado	554.430	670.897	141.054	180.778	393,1	371,1	18,5

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

restante, ou seja, 10% equivale a perdas na lavoura.

#### h) Tomate

A produção total média de cerca de 750 mil toneladas de tomate em São Paulo, nos primeiros anos da década de 1980, acha-se quase que equitativamente distribuída entre tomate envarado e tomate rasteiro (quadros 16, A.I.8 e A.I.9).

As diferenças ocorrem nas regiões produtoras. O cultivo do tomate envarado, ou seja, tomate para mesa, concentra-se nas DIRAs de Sorocaba e Campinas, que respondem por cerca de 40,8% e 42,9%, respectivamente do total da produção desse tipo de fruta no Estado. Considerando-se a média dos triênios inicial e final da década 1974-1983, observa-se um crescimento da produção total de 15,2% contra 9,1% na área cultivada, significando uma melhoria nos níveis de produtividade. Por sua vez, a exploração de tomate rasteiro, isto é, tomate para indústria ocorre predominantemente nas DIRAs de Araçatuba e Presidente Prudente que produziram em média, na década de 1980, 29,5% e 30,1% do total da produção de São Paulo. Tendo em vista os citados triênios, verifica-se um ganho razoável no rendimento da cultura, uma vez que ao decréscimo de 26,8% na área corresponde um aumento de 50,0% no volume da produção.

A regionalização diferenciada dos dois tipos de tomate ocorre em função, no caso do tomate de mesa, das condições climáticas locais e da proximidade do mercado consumidor e no caso do tomate rasteiro, principalmente da localização das indústrias processadoras e produtoras de massas, sucos, concentrados, etc.

Ainda que seja o principal consumidor de tomate entre os Estados brasileiros, São Paulo dispõe de excedente suficiente para ser a gran

QUADRO 16. - Produção e Consumo de Tomate, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual (t)		Consumo anual <sup>(1)</sup>		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	30.427	27.020	92.946	125.303	32,7	21,6	23,0
Vale do Paraíba	6.300	5.460	6.097	7.854	103,3	65,5	17,8
Sorocaba	131.787	148.993	10.413	12.741	1.265,6	1.169,4	22,5
Campinas	110.040	159.513	22.069	29.774	498,6	535,7	23,2
Ribeirão Preto	93.493	83.334	15.358	18.170	608,8	458,6	26,6
Bauru	14.407	34.903	5.292	6.098	272,2	572,4	24,2
S.J. do Rio Preto	75.300	43.775	8.686	9.123	866,9	479,8	24,8
Araçatuba	44.887	115.513	3.640	3.622	1.233,2	3.189,2	18,6
Pres. Prudente	46.120	119.788	5.216	5.104	884,2	2.346,9	20,3
Marília	20.240	16.582	4.364	4.436	463,8	373,8	17,3
Estado	572.667	750.173	174.081	222.225	329,0	337,6	22,8

(<sup>1</sup>) Consumo corresponde apenas a tomate "in natura".

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

de fonte supridora do País.

i) Cebola

O cultivo da cebola é atividade comum em praticamente todo o Estado. Na década de 1980 somente a DIRA de Bauru não se dedica a essa lavoura, entretanto, Sorocaba persiste como a principal DIRA produtora, respondendo por cerca de 48,0% da safra paulista. Campinas e Ribeirão Preto conjuntamente colhem em média 45,0%. Nota-se, portanto, a concentração acentuada, cerca de 93% do total, da lavoura no Estado. Vale lembrar que a maior parte da produção brasileira de cebola tem origem nas citadas regiões paulistas.

Considerando-se o período 1974-83 tem-se um crescimento de produção no Estado da ordem de 45,0% em função dos melhores níveis de produtividade, já que em termos de área houve avanço inferior, ou seja, da ordem de 10,0% (quadros 17 e A.I.10).

A área média cultivada com cebola é pequena e predominantemente explorada por minifúndios. Verificou-se também que a maior área média (2,7 ha) dedicada à cultura situa-se em São Paulo.

A localização das regiões produtoras próxima à capital, além da técnica de produção e da distribuição das safras, entre outros, fazem do Estado de São Paulo a principal fonte fornecedora do País.

- Produtos de mercado externo

a) Café

QUADRO 17. - Produção e Consumo de Cebola por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
São Paulo	1.697	997	55.217	74.504	3,1	1,3	13,7
Vale do Paraíba	300	82	2.829	3.000	10,6	2,7	6,8
Sorocaba	55.870	85.387	5.961	7.294	937,3	117,1	12,9
Campinas	26.750	44.812	12.260	16.507	218,2	271,5	12,9
Ribeirão Preto	12.600	34.753	7.223	8.545	174,4	406,7	12,5
Bauru	200	-	3.112	3.578	6,4	-	14,2
S.J. do Rio Preto	-	3.023	4.295	4.532	-	66,7	12,3
Araçatuba	562	9.903	2.625	2.616	21,4	378,6	13,4
Pres. Prudente	-	50	2.853	2.792	-	1,8	11,1
Marília	175	243	3.185	3.237	5,5	7,5	12,6
Estado	123.533	179.193	99.060	126.605	124,7	141,5	13,0

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

O café ocupa áreas de todo o oeste do Estado de São Paulo concentrando-se, entretanto, nas regiões agrícolas de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Marília. No período 1981/83, a participação de cada região na produção total do Estado foi, respectivamente, de 17%, 27%, 12% e 13%, para uma produção média estadual no período de 448 mil toneladas. Essa distribuição da produção corresponde aproximadamente à distribuição da área ocupada com o produto (quadros 18 e A.I.11).

Nos dez anos analisados, o café no Estado apresentou pequena expansão (20% na produção e 18% na área ocupada) e manteve aproximadamente a mesma distribuição inter-regional do início do período.

Das culturas de exportação, a do café é a mais "solidária" com as culturas alimentares, uma vez que permite a produção intercalar de alimentos básicos como feijão, arroz, milho, etc. Tanto é assim que o declínio da atividade cafeeira, após os planos de erradicação da década de 60, produziu forte impacto no nível e na distribuição da produção de alimentos no Estado.

#### b) Soja

A soja é uma cultura de exploração recente no Estado de São Paulo - e no Brasil - como atividade econômica expressiva, expandindo-se rapidamente a partir da segunda metade da década de 60.

Para se ter uma idéia da evolução da cultura, basta lembrar que em 1968/69 a soja ocupava apenas 47,6 mil hectares no Estado, valor que atingiu, em média, 517 mil hectares nos últimos três anos. No período analisado (1974/83), o crescimento da cultura foi de 71% em termos de quantidade e 38% em termos de área. Esta foi uma das culturas que apresentou os maiores ganhos de produtividade, passando de 1.754kg/ha, em média, no iní

QUADRO 18. - Produção de Café, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	5,400	3,600	2,280	3,760	2,400	6,600	6,420	5,140
Vale do Paraíba	0,240	0,200	0,180	0,207	-	0,600	0,900	0,500
Sorocaba	40,800	15,000	1,080	19,960	12,600	16,200	20,520	16,440
Campinas	45,600	30,000	29,400	35,000	57,000	37,800	60,900	51,900
Ribeirão Preto	82,200	41,400	34,200	52,600	114,600	34,600	75,300	74,833
Bauru	54,120	30,000	9,600	31,240	45,000	36,600	50,280	43,960
S.J. do Rio Preto	132,000	96,000	24,000	84,000	136,200	105,600	115,380	119,060
Araçatuba	29,640	20,100	2,760	17,500	39,600	21,600	22,200	27,800
Pres. Prudente	93,600	87,700	4,500	61,930	88,200	29,400	32,000	52,200
Marília	103,200	96,000	4,200	67,800	69,600	48,000	50,700	56,100
Estado	586,800	420,000	112,200	373,000	565,200	337,200	441,600	448,000

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

cio da década para 2.174kg/ha no final, como reflexo da boa rentabilidade do produto (permitindo um elevado grau de utilização de insumos modernos) e de programas de assistência técnica oficiais.

As principais DIRAs produtoras no Estado são Ribeirão Preto e Marília, que juntas, participaram no triênio 81/83 com 88% da produção estadual total (quadros 19 e A.I.12). Por sua vez, o parque industrial moageiro concentra-se nessas duas regiões, além da DIRA de Presidente Prudente, com uma capacidade instalada total em 1978 de 4,58 milhões de toneladas / ano de grão. A produção estimada de óleo com base na produção de grão do Estado é mostrada no quadro 20; a produção média de óleo no último triênio da série de 202,3 mil toneladas - equivalente a 1,124 milhão de toneladas de grão processado - corresponde, portanto, a apenas 25% da capacidade máxima de moagem da indústria.

### c) Laranja

A produção de laranja no Estado encontra-se concentrada nas DIRAs de Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto, que, somadas, representavam, em média, no triênio agrícola de 1980/81 a 1982/83, cerca de 95% do total tanto em termos de volume como em termos de área (quadros 21 e A.I.13).

Entre o início e o fim da década analisada, a produção se expandiu 110% no Estado, aumentando a concentração da produção nas três DIRAs destacadas acima, que no primeiro triênio, em conjunto, representavam aproximadamente 90% do total. No geral, este crescimento deveu-se principalmente ao aumento da produtividade - que praticamente dobrou na década analisada - uma vez que a área em produção no Estado cresceu 40% no período. O estímulo à melhoria e expansão da cultura provém basicamente de fatores externos, ou seja, crescimento do consumo mundial de suco concentra

QUADRO 19. - Produção de Soja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1973/74 e 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,240	-	-	0,080	-	-	0,600	0,200
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	41,160	34,800	43,380	39,780	43,800	38,400	37,800	40,000
Campinas	17,040	17,400	24,000	19,480	24,000	46,800	39,900	36,900
Ribeirão Preto	309,840	390,000	336,000	345,250	734,800	596,400	506,400	629,200
Bauru	1,320	0,600	1,320	1,080	-	-	1,320	0,440
S.J. do Rio Preto	13,320	19,200	10,800	14,440	22,200	34,800	25,380	27,460
Araçatuba	5,580	0,600	0,900	2,360	7,200	9,600	6,000	7,600
Pres. Prudente	4,500	8,400	42,600	18,500	16,200	18,600	19,800	18,200
Marília	129,000	207,000	306,000	214,000	379,800	383,400	328,800	364,000
Estado	522,000	678,000	765,000	654,970	1.278,000	1.128,000	966,000	1.124,000

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 20. - Produção e Consumo de Óleo de Soja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual(t)		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita" (g/dia)
	<sup>(1)</sup>		<sup>(2)</sup>				
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)	
São Paulo	14	36	108.968	147.088	0,0	0,0	27,0
Vale do Paraíba	-	-	5.515	7.105	-	-	16,1
Sorocaba	7.160	7.200	9.762	11.946	73,3	60,3	21,1
Campinas	3.506	6.642	22.699	30.624	15,4	21,7	23,9
Ribeirão Preto	62.145	113.256	12.201	14.435	509,3	784,6	21,1
Bauru	194	79	4.253	4.891	0,5	0,2	19,4
S.J. do Rio Preto	2.599	4.943	6.728	7.066	38,6	70,0	19,2
Araçatuba	425	1.368	4.088	4.068	10,4	33,6	20,9
Pres. Prudente	3.330	3.276	4.949	4.843	67,3	67,6	19,3
Marília	38.520	65.520	4.232	4.301	910,2	1.523,4	16,8
Estado	117.900	202.320	183.395	236.367	64,3	85,6	24,0

<sup>(1)</sup> Representa aproximadamente 18% da produção de soja no Estado, que corresponde ao rendimento médio do grão em óleo.

<sup>(2)</sup> Inclui, também, o consumo de outros óleos vegetais, cujas quantidades são, entretanto, irrelevantes.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

QUADRO 21. - Produção e Consumo de Laranja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1974/76 a 1981/83

DIRA	Produção média anual(t)		Consumo anual <sup>(1)</sup>		Produção/consumo (%)		Consumo "per capita"
	1974/76	1981/83	1975	1982	(a/c)	(b/d)	(g/dia)
	(a)	(b)	(c)	(d)			
São Paulo	37.200	41.752	196.849	265.691	18,9	15,7	48,9
Vale do Paraíba	22.800	11.424	5.752	7.410	396,4	154,2	16,8
Sorocaba	117.600	234.056	12.926	15.817	909,8	1.479,8	27,9
Campinas	964.667	1.978.801	31.010	41.836	3.110,8	4.729,9	32,7
Ribeirão Preto	1.750.667	3.099.848	20.094	23.772	8.712,4	13.039,9	34,7
Bauru	53.600	65.688	6.289	7.231	852,3	908,4	28,7
S.J. do Rio Preto	512.000	1.955.408	10.670	11.206	4.798,5	17.449,7	30,4
Araçatuba	43.600	48.552	6.415	6.384	679,7	760,5	32,8
Pres. Prudente	5.400	2.448	7.121	6.968	75,8	35,1	27,8
Marília	44.933	23.800	3.725	3.786	1.206,3	628,6	14,8
Estado	3.548.000	7.461.777	300.851	390.101	1.179,3	1.912,8	39,4

<sup>(1)</sup> Consumo corresponde apenas à laranja "in natura"; não havia dados disponíveis de consumo de sucos.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

do, além de distúrbios climáticos que afetam periodicamente os principais países produtores, gerando estímulos de preços à ampliação interna da atividade.

A maior parte da produção nos últimos anos destina-se à industrialização (65%) - quase que totalmente exportada - e 35% é consumida (na maior parte) ou exportada "in natura".

#### d) Cana-de-açúcar <sup>(5)</sup>

A cultura da cana-de-açúcar ocupava nos últimos três anos, em média, 1.240,7 mil hectares, sendo a cultura que ocupa a maior área no Estado. Ainda que esteja presente em todas as regiões, esta cultura apresenta área e produção extremamente concentradas nas DIRAs de Campinas (23%), Ribeirão Preto (37%) e Bauru (14%).

No período 1974-1983, foi a cultura que apresentou a maior taxa de expansão do Estado (da ordem de 87%), passando de 841,3 mil hectares em 1974-76 para 1.569,3 mil hectares em 1981-83. Como contrapartida, a produção teve um crescimento de 136% no período (de 39 para 91,9 milhões de toneladas), graças ao significativo aumento na produtividade, resultante da introdução e melhorias de variedades e de grandes investimentos e maiores gastos de custeio no setor (quadros 22, 23 e A.1.14).

Os derivados da cana, devido à importância do açúcar no comércio internacional e, recentemente, à alternativa energética em que se constituiu o álcool, têm merecido desde o início da década atenção especial, internamente por parte do Governo e, externamente, por parte dos principais

---

<sup>(5)</sup> A inclusão da cana-de-açúcar como produto de "mercado externo", neste trabalho, deve-se ao fato de que, tanto a agroindústria canavieira como a política governamental para o setor são orientados essencialmente pelo mercado internacional do açúcar e de combustíveis e seu impacto na balança comercial.

QUADRO 22. - Produção de Cana-de-Açúcar para Indústria, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo,  
1973/74 a 1982/83

(em milhão de toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,070	0,070	0,080	0,733	0,090	0,070	0,073	0,078
Vale do Paraíba	0,080	0,080	0,080	0,080	0,100	0,120	0,122	0,114
Sorocaba	2,200	2,150	3,500	2,617	4,390	5,660	5,973	5,341
Campinas	11,000	9,400	14,440	11,613	18,270	21,450	24,330	21,350
Ribeirão Preto	12,000	14,470	17,700	14,723	29,160	33,900	38,973	34,011
Bauru	5,000	4,840	6,200	5,347	8,900	14,600	14,980	12,827
S.J. do Rio Preto	1,300	1,570	2,000	1,623	4,840	6,000	6,910	5,917
Araçatuba	0,750	0,510	0,500	0,587	1,290	2,910	5,060	3,087
Pres. Prudente	0,120	0,460	0,500	0,360	1,530	3,150	3,909	2,863
Marília	1,480	2,050	2,500	2,010	4,570	6,330	8,120	6,340
Estado	34,000	35,600	47,500	39,033	73,140	94,190	108,450	91,927

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 23. - Produção Estimada (Potencial) de Açúcar a partir da Produção de Cana-de-Açúcar, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo (1), 1973/74 a 1982/83

(em mil toneladas)

DIRA	Safrá				Safrá			
	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,007	0,007	0,008	0,007	0,009	0,007	0,007	0,008
Vale do Paraíba	0,009	0,008	0,008	0,008	0,010	0,012	0,012	0,011
Sorocaba	0,220	0,215	0,350	0,262	0,439	0,566	0,597	0,534
Campinas	1,100	0,940	1,444	1,161	1,827	2,145	2,433	2,135
Ribeirão Preto	1,200	1,447	1,770	1,472	2,916	3,390	3,897	3,401
Bauru	0,500	0,484	0,620	0,535	0,890	1,460	1,498	1,283
S.J. do Rio Preto	0,130	0,157	0,200	0,163	0,484	0,600	0,691	0,592
Araçatuba	0,075	0,051	0,050	0,059	0,129	0,291	0,506	0,309
Pres. Prudente	0,012	0,046	0,050	0,036	0,153	0,315	0,391	0,286
Marília	0,148	0,205	0,250	0,201	0,457	0,633	0,812	0,634
Estado	3,400	3,560	4,750	3,903	7,314	9,419	10,845	9,193

(1) Corresponde a aproximadamente 10% do volume produzido de cana; estimado com base no rendimento médio em açúcar (100 kg/t de cana).

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

países participantes do comércio internacional. Assim, em 1968 foi celebrado o 1º Acordo Internacional do Açúcar, que aliás se encontra em crise atualmente; em 1971 foi implementado um programa de reorganização do parque industrial açucareiro do País. Em 1975 foi implementado o PROALCOOL, com metas ambiciosas, que se constitui numa poderosa alavanca para a agroindústria canavieira no País. O conjunto destes fatores acabou por privilegiar a produção de cana-de-açúcar em relação aos demais produtos do setor e explica a forte expansão da cultura no Estado em detrimento dos demais, conforme mostrou CAMARGO (1) entre outros.

#### 4 - DISPONIBILIDADE DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO ESTADO A NÍVEL REGIONAL

A comparação entre produção e consumo, este estimado a partir do consumo "per capita" levantado pelo ENDEF em 1974/75, apenas ilustra e reforça as evidências mostradas pela análise da produção da secção 3 deste trabalho. O quadro 24 apresenta o balanço de produção e consumo agregados para o Estado; os de nºs 2 a 8 e nºs 11, 13, 15, 16, 17, 20 e 21 apresentam os mesmos dados por produto, segundo as DIRAs.

Os produtos de origem vegetal exportáveis e/ou orientados basicamente pelo mercado internacional apresentam, com exceção do café e soja, volumes produzidos várias vezes superiores às necessidades de consumo do Estado nos dois períodos analisados (1974-76 e 1981-83), com taxas de crescimento entre os mesmos que superam de muito o crescimento populacional (de 3,5% a.a.) do período.

Dos nove produtos vegetais de mercado interno analisados no quadro 24 e nos quadros comparativos de produção e consumo, apenas dois apresentaram crescimento na relação produção-consumo entre os dois períodos -

QUADRO 24. - Disponibilidade de Produtos Agropecuários e Derivados no Estado de São Paulo,  
1974/76 a 1981/83

(em tonelada)

Produto	Produção média anual		Consumo anual		Produção/consumo	
	1974/76 (a)	1981/83 (b)	1975 (c)	1982 (d)	(a/c)	(b/d)
<b>Origem Vegetal</b>						
<b>-Mercado Externo</b>						
Cafê	373.000	448.000	-	-	-	-
Óleo de soja <sup>(1)</sup>	117.900	202.320	183.395	236.367	64,3	85,6
Laranja	3.548.000	7.461.777	300.851	390.101	1.179,3	1.912,8
Açúcar <sup>(2)</sup>	3.903.000	9.193.000	580.328	739.697	672,6	1.242,8
<b>-Mercado Interno</b>						
Arroz	437.912	342.157	1.047.459	1.339.585	40,8	25,5
Feijão	126.780	380.620	380.385	497.939	32,2	76,4
Far. de trigo <sup>(3)</sup>	98.487	126.259	-	-	-	-
Batata	412.200	545.580	304.084	390.340	135,6	139,8
Far. de mandioca	230.663	223.344	21.229	26.179	1.086,5	853,1
Banana	554.430	670.897	141.054	180.778	393,1	371,1
Tomate <sup>(4)</sup>	572.927	750.000	174.081	222.225	329,1	337,5
Cebola	123.533	179.193	99.060	126.605	124,7	141,5
<b>Origem Animal</b>						
Carne bovina	482.928	444.230	309.537	396.438	156,0	111,5
Leite <sup>(5)</sup>	1.564.246	1.775.454	994.226	1.269.302	157,3	139,9
Carne suína	67.434	80.517	71.161	89.381	94,8	90,1
Carne de aves	120.796	313.405	185.129	238.031	65,2	131,7
Ovos	327.188	432.808	130.637	167.805	250,5	257,9

<sup>(1)</sup> Produção potencial estimada com base no rendimento médio do grão em óleo. Os dados de consumo incluem outros óleos vegetais comestíveis, cujo consumo, entretanto, é irrelevante.

<sup>(2)</sup> Produção potencial estimada com base no rendimento médio da matéria-prima em açúcar. Consumo anual estimado a partir do consumo por comensal-dia, não do per capita como nos demais produtos.

<sup>(3)</sup> Produção potencial estimada com base no rendimento médio do grão em farinha.

<sup>(4)</sup> Consumo só de tomate "in natura".

<sup>(5)</sup> A produção é de leite "in natura", da qual em média, apenas cerca de 50% era pasteurizada no período 1974/76 e 65% no período 1981/83.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEAD).

feijão e cebola. No caso da cebola, o Estado é exportador do produto, mas para o feijão, apesar da evolução favorável, São Paulo importou de outros Estados aproximadamente 1/4 de suas necessidades nos últimos anos.

Alimentos importantes como a batata e os derivados de trigo, mandioca e tomate tiveram crescimento de produção no mesmo ritmo do consumo, ainda que para o trigo - produto muito importante nutricionalmente - a disponibilidade estava muito aquém das necessidades internas. Arroz e banana apresentaram desempenho insatisfatório no âmbito da produção. A produção de arroz, que no início do período analisado cobria em torno de 40% do consumo, atualmente não representa mais de 25%, tendo apresentado forte redução em sua produção em termos absolutos.

É interessante notar que, apesar do desbalanceamento entre feijão e arroz no Estado no âmbito da produção, no lado do consumo a combinação, em termos de quantidades entre esses dois alimentos em São Paulo, está muito próxima das quantidades (e proporções) recomendadas como as mais adequadas nutricionalmente e também pelas sugestões de dietas de custo mínimo apresentadas no VIIº SIBAN <sup>(6)</sup>. Os dados de consumo efetivo levantados pelo ENDEF indicaram quantidades médias consumidas "per capita" no Estado de 170g/dia de arroz e de 65g/dia de feijão o que dá uma proporção de 62,4% e 37,6% entre os dois produtos; as referidas recomendações de consumo indicam quantidades de 140g e 45g (proporções de 67,9% e 32,1%), respectivamente.

Quando se observa a composição da produção agrícola a nível regional, nota-se que há uma certa concentração dos vários grupos de produtos em termos de macrorregiões do Estado. Os principais alimentos de origem vegetal e animal ocupam, a grosso modo, as DIRAs de maior concentração populacional do leste e do centro do Estado. Os produtos exportáveis e

<sup>(6)</sup> De acordo com os resultados dos trabalhos apresentados no VIIº SIBAN, a serem publicados nos seus Anais.

energéticos concentram-se nas regiões centrais (Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Marília) e a produção de gado bovino ocupa basicamente o oeste paulista.

Sorocaba é a DIRA mais equilibrada em termos da composição da produção de alimentos. Dominada pela policultura alimentar, é a principal região supridora do mercado da Grande São Paulo, apresentando grandes excedentes exportáveis. Campinas é a segunda região produtora mais diversificada, possuindo, entretanto, uma elevada participação de produtos exportáveis e de cana-de-açúcar, a qual foi crescente ao longo da década analisada.

As DIRAs de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Bauru, notadamente, passaram por grande alteração na composição da produção agrícola, apresentando elevada taxa de expansão de produtos de mercado externo em detrimento das culturas alimentares e de áreas de pastagem (1).

Especificamente em relação à produção de origem animal, o Estado, se for considerado apenas o consumo "in natura", não é auto-suficiente na produção de carne suína (quadros 2 a 6). Em relação à produção de aves e ovos o Estado como um todo e praticamente todas as DIRAs, à exceção da de São Paulo, possuem excedentes exportáveis. Em relação à carne bovina, o Estado e as DIRAs (exceto as de São Paulo e Campinas) são auto-suficientes, em relação ao consumo "in natura". O mesmo ocorre com leite: o Estado seria auto-suficiente em relação ao consumo de leite fluido, se apenas fosse esta a destinação da produção, sendo que todas as DIRAs menos a de São Paulo - são exportadoras líquidas do produto. O Estado de São Paulo, entretanto, apresenta déficit permanente de oferta total de leite pasteurizado, estimado em cerca de 10%, devido à parcela destinada à industrialização.

## 5 - CONCLUSÕES

De maneira geral, o que se observou no Estado de São Paulo no período 1974-83 foi a forte expansão daqueles produtos agropecuários orientados para ou pelo mercado internacional, destacando-se a cana-de-açúcar, a laranja e a soja; mesmo o café teve crescimento de área e produção no período. Os produtos destinados ao mercado interno, principalmente alimentos, ao contrário, apresentaram retração, estagnação ou modesto crescimento, de área e produtividade.

A combinação destas duas tendências resultou, ao longo da década, na alteração da composição da agricultura no Estado, em prejuízo do grupo de produtos alimentares, o que significou, de fato, o reforço nesse movimento que já vinha ocorrendo desde a segunda metade da década de 60. Como resultado, o Estado de São Paulo passou a ser cada vez mais dependente das importações de alimentos de outros Estados, fato que ocorre com os principais alimentos arroz, feijão, trigo e leite.

A nível das diferentes DIRAs, o que se verificou é que, no caso da produção animal, praticamente todas as regiões (exceto a DIRA de São Paulo) são auto-suficientes, constituindo-se, muitas delas, em exportadoras para outras regiões, notadamente para a Grande São Paulo.

Em relação à produção de alimentos básicos de origem vegetal, o quadro é bem mais complexo. No geral, somente para a mandioca e provavelmente para o milho todas as DIRAs (exceto São Paulo) são auto-suficientes em termos de consumo humano; para os demais produtos alimentares ocorrem déficits em diversas regiões.

A produção de feijão, trigo, batata, cebola e tomate, apresenta-se bastante concentrada na DIRA de Sorocaba - principal região produtora e exportadora de alimentos do Estado - e rarefeita nas demais, sendo

que destes alimentos, o Estado é auto-suficiente apenas nos três últimos. O arroz é o alimento básico que apresenta o problema mais sério de abastetecimento; além de São Paulo importar regularmente acima de 70% de suas necessidades, todas as DIRAs têm produção deficitária em relação ao consumo.

Não apenas a relação produção-consumo total, mas também a distribuição - o grau de dispersão/concentração - da produção inter-regional é fator importante para o planejamento e implementação de programas de apoio à produção e de distribuição de alimentos a nível local. Assim, programas locais de abastecimento e de suplementação alimentar no Estado de São Paulo de grande porte deverão esbarrar com o obstáculo básico, que é o da disponibilidade do produto, a não ser que se incorra em elevados custos de transporte. Dessa forma, no caso dos alimentos de origem vegetal, a tarefa que se coloca, em primeira instância, é a do estímulo à sua produção.

Em relação à produção de origem animal, entretanto, a situação, como se viu, é substancialmente diferente. Dada a disseminação da produção, os eventuais programas poderão contar, em geral, com uma disponibilidade local satisfatória. Este fato é importante, principalmente em relação à produção de ovos e leite - alimentos fundamentais do ponto de vista nutricional - viabilizando a compra e venda (ou a distribuição gratuta via Secretarias de Estado da área social) às populações carentes.

## 6 - RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICA: PROPOSTA DE MEDIDAS DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Como demonstram os dados deste trabalho, o segmento da agricul

tura que se constitui problema é o de produção de alimentos, motivo pelo qual as propostas a seguir são orientadas basicamente no sentido de incentivar a oferta satisfatória desses produtos.

## 6.1 - Recomendações de Política Global

- Inverter radicalmente os critérios de fixação da política agrícola e alimentar no País.

Até o momento, a política agrícola e a produção de alimentos dependem e são subprodutos das metas monetárias da política econômica global e, recentemente, dos compromissos com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Assim, para se conseguir os superávits na Balança Comercial que o País está obtendo, a custos sociais elevadíssimos para cumprir os pontos do acordo com o FMI, e reduzir a inflação, sacrifica-se (como um simples exercício estatístico) o emprego, o salário real (poder aquisitivo) da população e o setor agrícola voltado para a alimentação.

Proposta: Que as metas da política econômica global (orçamento monetário, saldo na balança comercial, metas relacionadas à inflação) sejam fixadas a partir da meta principal, qual seja, da satisfação das necessidades nutricionais da população, invertendo assim a ordem de determinação na política econômica. Partindo-se, portanto, das necessidades nutricionais (calórico-proteicas) da população; determinam-se "cestas alimentares" ou um conjunto básico de alimentos suficientes para proporcionar a adequação nutricional estabelecida; estimam-se as quantidades consumidas totais anuais dos diversos alimentos, fixando-se um percentual a mais (10% a 20%) de cada alimento que adicionado ao consumo total constituam os estoques estratégicos do Governo; determinam-se

finalmente as quantidades a serem produzidas de cada alimento básico a cada ano agrícola.

A partir deste parâmetro, seriam acionados e mobilizados todos os mecanismos de política agrícola e os instrumentos de política monetária e fiscal necessários para que fosse cumprida aquela meta básica.

## 6.2 - Medidas de Política Agrícola

- Em primeiro lugar é fundamental a existência de um conjunto de políticas e instrumentos de incentivo à produção com coerência entre si e com continuidade no tempo, dada a fragilidade econômico-financeira do subsetor produtor de alimentos básicos, que é constituído em sua maioria de pequenos agricultores.

- Necessidade de uma política rigorosa de zoneamento agrícola a nível regional, a fim de garantir o crescimento da produção de alimentos a taxas consistentes com o crescimento do consumo, limitando quando for o caso e reorientando em termos geográficos a produção dos produtos não alimentares.

- Dar prioridade ou pelo menos idênticas condições ao desenvolvimento de pesquisas voltadas para a produção e comercialização de alimentos, uma vez que a pesquisa tradicionalmente sempre privilegiou os produtos exportáveis.

- Existência de uma política de estoques governamentais estratégicos que regule e garanta permanentemente o abastecimento de mercado e evite grandes elevações de preços como os que vêm ocorrendo nos últimos meses. Sendo assim, deve fazer parte dessa política, a importação de produtos, sempre que surgir a perspectiva de escassez interna, a fim de garantir um nível mínimo de estoques nas mãos do Governo.

- Sempre que se fizer necessário, em situações conjunturais di

fíceis como a atual, oferecer mecanismos adicionais de incentivo na forma de subsídios à produção, ao crédito rural (como havia até 1983) ou ao preço dos insumos adquiridos pelos agricultores (sementes, principalmente).

- Identificação de áreas de concentração de produtores de alimentos e/ou áreas com grande potencial de resposta a estímulos, a nível de cada DIRA, onde o Governo concentraria esforços de apoio à produção e distribuição (instrumentos de política, infra-estrutura, atividades de comercialização, etc.) discriminando favoravelmente tais áreas, e transformando-as em supridoras permanentes e prioritárias dos estoques governamentais.

- Especificamente em relação à produção de leite - pela sua importância nutricional - caberia aos Governos Federal e/ou Estadual fornecer recursos para que a assistência técnica e a pesquisa desenvolvam um modelo de sistema de produção, em cada região, que demonstre ao produtor como melhorar a eficiência de sua atividade.

## LITERATURA CITADA

1. CAMARGO, Ana M.M.P. de. Substituição regional entre as principais atividades agrícolas no Estado de São Paulo. São Paulo, ESALQ/USP, 1983. 236p. (Tese de Mestrado)
2. CAMPOS, Humberto de & PIVA, Luiz H. de O. Dimensionamento de amostra para estimativa e previsão de safra no Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 21(3):65-68, 1974.
3. HOMEM DE MELO, Fernando B. Produção e disponibilidade de alimentos no Brasil e impactos distributivos. São Paulo, IPE/USP, 1981. 87p. (Trabalhos para Discussão, 44)
4. NOGUEIRA JR., Sebastião. Parâmetros para identificação de áreas apropriadas à cultura de milho no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1981. 14p. (mimeo)
5. PELIANO, A.M.M. et alii. O problema alimentar brasileiro. Rio de Janeiro, IPEA, 1983. 41p. (Documento de Trabalho, 11)
6. PROGNÓSTICO. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, diversos anos.
7. PROGNÓSTICO REGIÃO CENTRO-SUL. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, diversos anos.
8. ROCHA, Marina B. & HELLMESTER, Silvia R. Minimização do custo de transporte de oleaginosas para industrialização no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1984. (no prelo)
9. SILVA, Gabriel L.S.P.; FONSECA, Maria A.S.; MARTIN, Nelson B. Pesquisa e produção agrícola no Brasil. São Paulo, Secretaria da Agricultura, IEA, 1979. 78p. (Relatório de Pesquisa, 17/79)

10. VIACAVA, Francisco; FIGUEIREDO, Célia M.P. de S.; OLIVEIRA, Waldir A. A desnutrição no Brasil: uma análise do Estado Nacional da Despesa Familiar (IBGE 74/75) para o Nordeste, Estado de São Paulo e Estado do Rio de Janeiro. Petrópolis, Vozes/FINEP, 1983. 199p.
11. VIEIRA, José L.T.M. & GATTI, Elcio U. Evolução recente da produção de feijão no Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, 13 (5):19-28, maio 1983.

#### RESUMO

O trabalho analisa a disponibilidade de produtos agropecuários a nível das Divisões Regionais Agrícolas no Estado de São Paulo, na década 1974-83, tendo como preocupação básica a questão do abastecimento alimentar. O estudo se baseia em dados de produção levantados pelo IEA e de consumo estimados a partir de dados do IBGE. A partir dessa análise, são apresentadas recomendações de política econômica, visando prioritariamente a produção de alimentos.

## DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83

## ANEXO I

EVOLUÇÃO DA ÁREA OCUPADA PELAS PRINCIPAIS CULTURAS POR DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA, ESTADO DE SÃO PAULO, 1973/74 a 1982/83

QUADRO A.I.1 - Evolução da Área de Arroz no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)								
DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	10,100	8,200	6,800	8,367	7,200	7,200	6,450	6,950
Vale do Paraíba	19,400	16,700	16,500	17,533	15,800	16,800	18,600	17,067
Sorocaba	49,800	61,500	85,500	65,600	38,800	39,400	41,950	40,050
Campinas	39,000	52,900	52,700	48,200	46,900	34,300	40,100	40,433
Ribeirão Preto	123,000	134,700	108,800	122,167	46,100	59,900	66,900	57,633
Bauru	13,800	12,700	14,000	13,500	9,800	11,500	12,100	11,133
S.J. do Rio Preto	124,000	130,000	170,200	141,400	87,000	77,200	89,400	84,533
Araçatuba	26,100	33,000	48,200	35,767	20,600	23,300	21,100	21,667
Pres. Prudente	16,100	19,600	45,500	27,067	18,500	16,800	13,900	16,400
Marília	43,400	54,400	72,100	56,633	24,300	24,900	23,600	24,267
Estado	464,700	523,700	620,300	536,233	315,000	311,300	334,100	320,133

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.2 - Evolução da Área de Feijão no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	21,900	9,300	8,600	13,267	8,900	10,500	10,500	9,967
Vale do Paraíba	10,400	7,600	8,100	8,700	13,400	16,700	12,520	14,207
Sorocaba	175,400	154,000	158,700	162,700	311,300	395,800	362,290	356,463
Campinas	29,700	19,400	15,300	21,467	31,000	36,300	27,870	31,723
Ribeirão Preto	9,600	4,400	3,400	8,700	24,300	31,200	24,875	26,792
Bauru	4,400	4,900	2,000	3,767	10,300	11,720	9,710	10,577
S.J. do Rio Preto	6,700	3,600	4,200	4,833	25,300	21,900	17,340	21,513
Araçatuba	1,100	1,750	3,000	1,950	17,800	13,800	13,890	15,163
Pres. Prudente	15,400	11,150	18,950	15,167	81,100	42,630	40,530	54,753
Marília	21,000	15,100	17,450	17,850	48,800	37,250	27,175	37,742
Estado	289,600	231,200	239,700	253,500	572,200	617,800	546,700	578,900

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.3 - Evolução da Área de Trigo no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,150	0,150	0,250	0,183	0,300	0,360	0,350	0,337
Vale do Paraíba	0,030	0,030	0,030	0,030	0,100	-	0,070	0,057
Sorocaba	2,280	10,200	13,400	7,960	8,000	8,000	8,230	8,077
Campinas	0,140	0,250	0,400	0,263	1,000	1,300	5,320	2,540
Ribeirão Preto	-	0,080	0,270	0,117	0,300	0,740	2,440	1,160
Bauru	-	0,380	0,300	0,227	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	-	-	0,400	0,133
Araçatuba	-	0,050	0,050	0,033	-	-	-	-
Pres. Prudente	9,750	6,800	9,000	8,517	6,200	6,100	6,590	6,297
Marília	97,450	102,660	157,500	119,203	126,000	121,200	121,550	122,917
Estado	109,800	120,600	181,200	136,533	141,900	137,700	144,950	141,518

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.4 - Evolução da Área de Batata no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	6,330	7,440	6,950	6,907	5,360	6,420	6,060	5,947
Vale do Paraíba	1,500	2,020	2,080	1,860	2,210	2,780	2,645	2,545
Sorocaba	10,420	10,880	10,330	10,543	12,470	11,740	12,130	12,113
Campinas	11,700	9,230	8,450	9,793	6,830	7,380	7,655	7,288
Ribeirão Preto	1,990	0,980	0,880	1,283	1,790	1,430	1,480	1,567
Bauru	0,220	0,320	0,185	0,242	0,200	0,070	0,025	0,098
S.J. do Rio Preto	0,200	0,380	0,130	0,237	-	0,020	0,185	0,068
Araçatuba	-	-	-	-	0,090	0,020	0,020	0,043
Pres. Prudente	0,050	0,110	0,070	0,077	0,030	0,030	0,430	0,163
Marília	1,170	0,940	0,725	0,945	0,570	0,570	0,400	0,513
Estado	33,600	32,300	29,800	31,900	29,550	30,460	31,020	30,345

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.i.5 - Evolução da Área de Mandioca para Indústria no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	3,910	4,080	4,386	4,125	2,270	2,295	1,950	2,172
Vale do Paraíba	2,295	2,040	1,785	2,040	2,975	3,020	2,420	2,805
Sorocaba	3,400	1,870	1,224	2,165	0,935	1,230	1,190	1,118
Campinas	15,895	12,750	12,520	13,722	6,502	7,480	8,410	7,464
Ribeirão Preto	4,675	3,825	2,848	3,782	2,380	1,830	1,980	2,063
Bauru	2,720	1,615	1,326	1,887	1,462	2,120	3,340	2,307
S.J. do Rio Preto	8,330	5,355	3,961	2,941	2,830	1,960	2,060	2,283
Araçatuba	2,210	2,125	1,700	2,012	0,799	0,595	0,680	0,691
Pres. Prudente	5,355	3,315	1,352	3,340	2,286	3,360	3,540	3,062
Marília	25,330	13,005	8,678	15,672	22,865	23,040	19,790	21,898
Estado	74,120	49,980	39,780	54,627	45,305	46,920	45,360	45,862

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.6 - Evolução da Área de Milho no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	34,000	54,000	36,000	41,333	16,300	32,400	30,500	26,400
Vale do Paraíba	26,500	18,700	18,000	21,066	31,100	24,000	23,800	26,300
Sorocaba	269,700	210,800	267,000	249,167	211,400	232,900	175,400	206,567
Campinas	110,500	106,400	115,000	110,633	167,900	170,000	102,500	146,800
Rib. Preto	301,500	244,800	278,000	274,767	206,200	285,700	271,500	254,467
Bauru	84,303	52,900	56,000	64,401	47,900	80,400	69,800	66,033
S.J. do Rio Preto	167,500	169,300	190,000	175,600	161,800	187,900	180,800	176,833
Araçatuba	101,200	77,200	106,000	94,800	118,200	108,700	109,000	111,967
Pres. Prudente	77,900	68,000	89,000	78,300	96,500	87,200	79,900	87,867
Marília	116,897	103,900	115,000	111,932	119,300	121,500	122,800	121,200
Estado	1.290,000	1.106,000	1.270,000	1.222,000	1.706,600	1.330,700	1.166,000	1.401,100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.1.7 - Evolução da Área de Banana no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	27,875	30,133	31,633	29,880	48,040	55,634	48,690	50,788
Vale do Paraíba	0,600	0,300	0,410	0,437	0,210	0,216	0,285	0,237
Sorocaba	1,403	1,613	3,400	2,139	3,380	2,405	2,510	2,765
Campinas	0,525	0,460	0,447	0,477	0,545	0,501	0,430	0,492
Ribeirão Preto	0,823	0,387	0,380	0,530	0,330	0,233	0,475	0,346
Bauru	0,202	0,227	0,187	0,205	0,075	0,063	0,065	0,068
S.J. do Rio Preto	0,316	0,140	0,127	0,194	0,090	0,059	0,120	0,090
Araçatuba	0,164	0,040	0,040	0,081	0,065	0,042	0,045	0,051
Pres. Prudente	0,101	0,067	0,127	0,098	0,085	0,039	0,040	0,055
Marília	0,291	0,233	0,236	0,253	0,180	0,148	0,150	0,159
Estado	32,300	33,600	36,987	34,296	53,000	59,340	52,810	55,050

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.8 - Evolução da Área de Tomate Rasteiro no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	-	-	-	-	-	-	0,090	0,090
Campinas	-	-	-	-	0,070	-	-	0,070
Ribeirão Preto	10,900	6,300	3,130	6,777	2,500	2,900	2,890	2,763
Bauru	0,380	0,890	0,630	0,633	1,370	1,000	0,710	1,027
S.J. do Rio Preto	4,060	6,060	5,600	5,240	2,120	2,100	2,170	2,130
Araçatuba	5,600	2,500	2,790	3,630	3,340	4,090	3,440	3,623
Pres. Prudente	1,400	3,350	2,730	2,493	4,160	4,800	3,470	4,143
Marília	0,460	1,300	1,320	1,027	0,940	0,810	0,430	0,727
Estado	22,800	20,400	16,200	19,800	14,500	15,700	13,200	14,467

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.9 - Evolução da Área de Tomate Envarado no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,640	0,600	0,600	0,613	0,600	0,590	0,510	0,567
Vale do Paraíba	0,240	0,150	0,170	0,187	0,170	0,170	0,170	0,170
Sorocaba	3,100	3,440	2,720	3,087	2,840	3,000	3,255	3,032
Campinas	1,980	1,720	2,200	1,967	2,600	3,220	2,990	2,937
Ribeirão Preto	0,360	0,510	0,460	0,443	0,340	0,320	0,330	0,330
Bauru	0,070	0,070	0,065	0,068	0,050	0,060	0,060	0,057
S.J. do Rio Preto	0,050	0,050	0,030	0,043	0,015	0,020	0,020	0,018
Araçatuba	0,010	0,020	0,025	0,018	0,005	0,010	0,025	0,013
Pres. Prudente	0,020	0,035	0,030	0,028	0,070	0,100	0,090	0,087
Marília	0,130	0,105	0,100	0,103	0,050	0,010	0,020	0,027
Estado	6,600	6,700	6,400	6,567	6,740	7,500	7,470	7,237

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.10 - Evolução da Área de Cebola no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,590	0,600	0,420	0,537	0,100	0,065	0,060	0,075
Vale do Paraíba	0,120	0,060	0,060	0,080	0,020	0,015	0,010	0,015
Sorocaba	6,060	6,650	6,150	6,287	5,340	6,240	5,320	5,633
Campinas	2,850	3,280	3,530	3,220	3,180	3,160	3,215	3,185
Ribeirão Preto	1,070	1,030	1,560	1,220	2,880	2,750	3,180	2,937
Bauru	0,030	0,030	0,030	0,030	-	-	-	-
S.J. do Rio Preto	-	-	-	-	0,060	0,170	0,170	0,133
Araçatuba	0,010	-	0,110	0,060	0,790	0,510	0,590	0,630
Pres. Prudente	-	-	-	-	-	0,010	0,005	0,005
Marília	0,070	0,050	0,040	0,053	0,030	0,030	0,040	0,033
Estado	19,800	11,700	11,900	11,467	12,400	12,950	12,590	12,647

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.11 - Evolução da Área de Café no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	9,500	6,900	7,600	8,000	9,861	12,067	8,454	10,127
Vale do Paraíba	0,600	0,500	0,500	0,533	0,318	0,704	0,715	0,579
Sorocaba	53,800	52,500	19,300	41,867	42,807	32,511	27,596	34,305
Campinas	62,100	63,000	70,100	65,067	91,242	102,679	104,800	99,574
Ribeirão Preto	131,500	125,700	145,700	134,300	172,530	148,228	156,128	158,962
Bauru	86,300	70,600	69,300	75,400	84,814	112,610	109,973	102,466
S.J. do Rio Preto	161,500	173,400	169,100	168,000	229,504	231,192	201,025	220,574
Araçatuba	40,400	36,700	32,800	36,633	54,288	38,532	37,470	43,430
Pres. Prudente	108,600	136,100	121,900	122,200	121,636	88,694	116,635	108,988
Marília	145,700	134,600	109,300	129,867	160,600	138,383	125,804	141,596
Estado	800,000	800,000	745,600	781,867	967,600	905,600	888,600	920,600

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.12 - Evolução da Área de Soja no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	0,150	-	-	0,050	-	-	0,450	0,150
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	26,000	20,700	30,000	25,567	28,900	21,900	18,430	23,077
Campinas	11,700	13,100	15,000	13,267	13,200	24,000	20,690	19,297
Ribeirão Preto	211,000	245,900	184,000	213,633	330,200	257,900	246,450	278,183
Bauru	1,000	0,450	0,850	0,767	-	-	0,750	0,250
S.J. do Rio Preto	11,000	6,750	5,000	7,583	12,300	16,000	12,500	13,600
Araçatuba	3,000	0,500	0,850	1,450	3,200	4,200	3,370	3,590
Pres. Prudente	3,650	4,300	19,300	9,083	8,400	8,300	9,650	8,783
Marília	67,500	99,500	139,000	102,000	176,400	176,000	157,710	170,037
Estado	335,000	391,200	394,000	373,300	572,600	508,300	470,000	516,967

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.13 - Evolução da Área de Laranja no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	2,650	2,694	2,375	2,573	2,550	2,150	2,100	2,267
Vale do Paraíba	2,050	1,772	1,700	1,841	0,850	0,800	0,900	0,850
Sorocaba	10,000	9,026	11,600	10,209	12,200	12,250	12,150	12,200
Campinas	110,000	126,176	115,250	117,142	137,000	139,600	142,800	139,800
Ribeirão Preto	181,500	169,510	194,500	181,837	235,650	259,350	267,900	254,300
Bauru	4,250	3,875	3,850	3,992	4,400	4,600	5,000	4,667
S.J. do Rio Preto	57,000	58,788	72,750	62,846	133,250	113,950	126,900	124,700
Araçatuba	4,300	3,544	4,150	3,998	3,200	3,300	3,300	3,267
Pres. Prudente	-	0,449	0,425	0,437	0,200	0,250	0,250	0,233
Marília	6,250	3,166	3,400	4,272	1,900	1,650	1,300	1,617
Estado	378,000	379,000	410,000	389,000	531,200	537,900	562,600	543,901

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO A.I.14 - Evolução da Área de Cana-de-Açúcar para a Indústria no Estado de São Paulo, 1973/74 a 1982/83

(em mil hectares)

DIRA	1973/74	1974/75	1975/76	Média	1980/81	1981/82	1982/83	Média
São Paulo	2,500	2,000	2,130	2,210	2,150	1,600	1,880	1,877
Vale do Paraíba	2,500	3,500	1,750	2,583	2,410	2,700	2,600	2,480
Sorocaba	50,000	54,400	60,000	54,800	83,000	91,000	97,700	90,567
Campinas	300,000	253,900	281,700	278,533	335,600	355,250	390,800	360,550
Ribeirão Preto	256,500	300,000	352,000	302,833	532,200	581,300	631,400	581,633
Bauru	100,000	104,300	135,100	113,133	187,800	239,200	216,350	214,450
S.J. do Rio Preto	20,000	28,100	36,500	28,200	78,300	98,900	109,200	95,467
Araçatuba	11,000	9,200	9,300	9,833	32,000	46,200	83,290	53,830
Pres. Prudente	2,500	8,300	8,120	6,307	38,000	54,300	61,610	51,303
Marília	45,000	38,300	45,400	42,900	88,300	124,500	138,670	117,157
Estado	790,000	802,000	932,000	841,333	1.379,760	1.594,950	1.733,500	1.569,314

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS A NÍVEL REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1974-83

ANEXO II

Dados Referentes à População Estimada por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1975 e 1982

QUADRO A.II.1 - População Estimada por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1975 e 1982 <sup>(1)</sup>

DIRA	1975	1982
Grande São Paulo	10.049.390	13.606.459
Litoral	1.007.020	1.316.900
Vale	938.507	1.209.007
Sorocaba	1.267.601	1.551.089
Campinas	2.584.307	3.486.446
Ribeirão Preto	1.584.273	1.874.267
Bauru	600.633	690.695
S.J. do Rio Preto	964.528	1.013.079
Araçatuba	531.343	528.534
Presidente Prudente	702.522	687.434
Marília	690.135	701.468
Total	20.920.259	26.665.370

<sup>(1)</sup> Estimativa em 1º de julho de cada ano elaborada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos (SEADE).

QUADRO A.II.2 - Correção da População para as DIRAs cuja Distribuição dos Municípios não corresponde às Divisões Regionais Administrativas, Estado de São Paulo, 1975 e 1982

DIRA	1975	1982
Grande São Paulo	10.031.681	13.582.403
Campinas	2.602.016	3.510.494
S.J. do Rio Preto	959.997	1.008.345
Araçatuba	535.874	533.268

**SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO  
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA**

**Comissão Editorial:**

**Coordenador:** José Roberto Viana de Camargo

**Membros:** Antônio Augusto Botelho Junqueira

Celuta Moreira Cesar Machado

Elcio Umberto Gatti

Flavio Condé de Carvalho

José Luis Teixeira Marques Vieira

Rosa Maria Pescarin Pellegrini

**Bibliografia:** Fátima Maria Martins Saldanha Faria



Impresso no Setor Gráfico do IEA  
Av. Miguel Stefano, 3900 – 04301, São Paulo, SP



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Agricultura e Abastecimento  
Coordenadoria Sócio-Econômica

Instituto de Economia Agrícola

Relatório de Pesquisa  
Nº 7/85